

# VIBRANTE LANÇAMENTO DA CAMPANHA NACIONAL CONTRA O AJUSTE DE FERNANDO DE NORONHA

LOTECA

## VOZ OPERÁRIA



Nº 410 — RIO DE JANEIRO, 13 DE ABRIL DE 1957

### UNIDADE DE AÇÃO, ARMA DA VITÓRIA

COMO VANGUARDA consciente da classe operária, desenvolvem os comunistas uma atividade permanente, de caráter eminentemente político, para unir e organizar a classe operária, forjar a aliança de operários e camponeses, mobilizar todas as forças interessadas em libertar o país do domínio imperialista e das sobrevivências feudais. Marxistas que são, confiam na classe operária e no povo, em sua mobilização organizada, para enfrentar todas as questões e tarefas políticas. Partem do princípio de que são as massas que impulsionam, levam avante, o desenvolvimento social.

NESTE MOMENTO grave para a pátria, em que os imperialistas ianques, através de seus agentes internos, tratam de incluir o Brasil no seu dispositivo militar de agressão e já preparam a instalação de bases de guerra atômica não só em Fernando de Noronha mas em todo o nordeste — inensa é a responsabilidade dos comunistas para com o seu povo, decisivo para os destinos nacionais é o desempenho fiel e correto de suas tarefas históricas, de vanguardeiros da classe operária e de condutores políticos do povo brasileiro na luta pela independência nacional.

COMPREENDENDO a gravidade da situação e a necessidade de reunir rapidamente o maior número de forças populares e congregar as mais diversas correntes políticas do país, lançam-se os comunistas à luta pela anulação do humilhante acordo em que o governo Kubitschek cedeu Fernando de Noronha aos imperialistas norteamericanos. E ao empenhar-se nessa batalha, vital para os destinos nacionais, os comunistas o fazem não só com todo o ardor patriótico, energia e abnegação que lhe são próprios, mas também buscando utilizar correta e eficientemente os métodos de trabalho e ação política adequados às exigências da rápida formação de uma frente única de âmbito nacional.

ISSO porque não bastam os protestos e manifestações de todo o povo, que se seguiram à capitulação governamental. Para que o governo recue e o imperialismo seja derrotado, para que vença o povo brasileiro e sejam salvaguardados os sagrados interesses de nossa pátria, é necessária, é urgente, uma mobilização popular e uma ação congregada de todas as forças nacionais que se traduza numa campanha nacional e patriótica de nível e envergadura sem precedentes.

NESSA GRANDE campanha, que já se esboça em todos os pontos do país, a unidade de ação será a arma da vitória. E os comunistas precisam ser e serão os campeões dessa unidade, que se há de forjar e temperar durante o desenvolvimento da luta. Tendo em vista a mobilização das massas populares, terão os comunistas de dar provas da mais elevada compreensão para com todas as forças políticas e correntes de opinião que marcham ou possam marchar em defesa da paz, das liberdades e da soberania nacional. Deverão valorizar toda posição positiva, toda atitude, ainda que tímida, to-

da manifestação, ainda que vacilante, de quaisquer setores ou correntes da opinião pública e da política nacional. Tais atitudes, manifestações ou posições, deverão ser tomadas pelos comunistas como ponto de partida para fazer avançar a unidade de ação.

POR OUTRO lado, mantendo sempre a maior firmeza de princípios, é necessário que os comunistas saibam afastar todas as dificuldades que se apresentem, no caminho da unidade, e tenham o descortínio político necessário para encontrar sempre o terreno comum para o entendimento e para a ação. Imensas possibilidades de ação comum decorrem do requerimento assinado por 188 deputados, dos mais diferentes partidos, criando a Comissão de Inquérito sobre a política exterior do governo. Amplo apoio popular vem sendo dado ao requerimento, mas é imperioso que tal apoio se transforme em tão pujante movimento popular que leve o Parlamento até à anulação do humilhante "ajuste" sobre Fernando de Noronha.

IGUALMENTE necessária é a crítica às forças que vacilam em tão grave situação para a nossa pátria. Mas essa crítica necessária deve ser feita, sempre, tendo em vista a manutenção de tais forças na frente única ou a sua volta ao campo da ação comum.

AINDA EM benefício da unidade e da ampliação do movimento, devem os comunistas estar alertas para a necessidade de evitar toda tendência extremada, toda e qualquer ação demasiado elevada em relação ao nível da compreensão das massas populares. Isso não significa qualquer restrição à mais ampla iniciativa dos comunistas no cumprimento do seu dever de alertar, unir e por todos os modos reforçar essa grande campanha de nosso povo. Não significa, muito menos, que devam ter qualquer vacilação no combate enérgico à política antipopular e claramente entreguista do governo do sr. Kubitschek.

CAMPEÕES da unidade, conscientes das graves consequências a que conduzem os atos capitulacionistas do governo, os comunistas não faltarão aos seus deveres para com o seu povo. Saberão mobilizá-lo, unindo todas as suas classes e camadas na luta comum.

CONTRA a transformação do Brasil em escudo da agressão atômica ianque estão todos os brasileiros. Não há patriota indiferente à ocupação de nosso território pelos soldados do imperialismo. Todos os democratas compreendem que serão golpeadas as liberdades do povo para tornar possível o nosso atrelamento ao carro de guerra dos senhores do dólar. Os trabalhadores e o povo, que já não suportam o aumento dos preços bem sabem o que significarão novos impostos e verbas para o custeio das despesas militares decorrentes da ruinosa aventura militar empreendida pelo governo.

A AÇÃO UNITÁRIA de todas as forças nacionais será o fator decisivo para a vitória nessa luta em que estão em jogo a paz, a soberania nacional e as liberdades do povo brasileiro.



Instalada solenemente, na sede da UNE, perante entusiástica assistência, a COMISSÃO NACIONAL CONTRA O AJUSTE DE F. DE NORONHA «OS BRASILEIROS DEMONSTRARÃO AO MUNDO COMO SE DEFENDE E COMO LUTA UMA NAÇÃO PATRIÓTICA NA SALVAGUARDA DA SUA SOBERANIA E AO SERVIÇO DO SEU POVO», concluiu o senador Atílio Vivacqua em sua vigorosa oração (Leia na 3ª pág.)

40. Aniversário da Revolução Socialista de Outubro

TEXTO NA QUARTA PÁGINA



# Significação das Eleições na Índia

SETE dias NO MUNDO

Os resultados finais das recentes eleições gerais, realizadas pela segunda vez na Índia desde a independência do país, demonstram considerável progresso do Partido Comunista. No populoso Estado de Kerala, situado no sul da Índia, e constituído pela antiga província de Travancore-Cochin e parte de Madras, o Partido Comunista obteve a vitória mais espetacular, conquistando a maioria absoluta da Assembléa local. Das 126 cadeiras, o Partido Comunista obteve 60, e ainda elegeu mais 5 aliados independentes; o Partido do Congresso, de Nehru, obteve 43 cadeiras, e o Partido Socialista Nacional (Praja), 9 cadeiras. Graças a essa vitória, coube ao Partido Comunista a formação do novo governo estadual, tendo como primeiro-ministro o seu líder E.M.S. Namboodiripad.

Não se restringiram, no entanto, ao Estado de Kerala os êxitos eleitorais do Partido Comunista da Índia, como passamos a mostrar.

● PARTIDO COMUNISTA E ÚNICO PARTIDO QUE PROGRIDE NA ÍNDIA	P. Soc. Praja	19	>
	14 PP. menores	49	>
	Independentes	26	>
	a preencher	12	>
	<b>TOTAL</b>	<b>500</b>	<b>&gt;</b>

Telegrama da agência France Presse, de Nova Delhi, 30 de março, revela que o Partido Comunista havia obtido na eleição de 1952 um total de 5.300.000 votos, em todo o país. Esse total subiu a 11.448.000 votos nas recentes eleições de 1957, isto é, a mais do dobro dos resultados obtidos anteriormente. O aumento foi de mais de 6 milhões de votos!

No mesmo período o Partido Socialista Praja perdeu 6.000.000 de votos, e o Partido do Congresso passou de 47.450.000 a 54.000.000 de votos. A porcentagem de acréscimo dos votos do Partido do Congresso foi, portanto, pequena, enquanto a do Partido Comunista foi superior a 100 por cento.

Em 1952 o Partido Comunista havia obtido 5% do total de votos, passando a 10% em 1957. No mesmo período, a porcentagem do Partido do Congresso cresceu apenas de 45% para 46,5%, e a do Partido Socialista Praja reduziu-se consideravelmente.

A composição final da Câmara dos Deputados nacional (Lok Sabha) é a seguinte: P. do Congresso 365 deputados P. Comunista 29

cada uma declaração do bloco político do Partido Comunista da Índia, convidando o Partido Socialista Praja a participar do governo de Kerala. Um desfile de operários e camponeses, com 5 quilômetros de comprimento, saudou a vitória do Partido Comunista. Foi eleito líder parlamentar do Partido o dirigente Namboodiripad, membro do Comitê Central.

A 5 de abril, em meio a intensas manifestações de júbilo popular, assumiu o poder em Kerala o primeiro governo comunista estadual da Índia. O primeiro ministro Namboodiripad e os 11 membros do gabinete prestaram o juramento de praxe perante o governador do Estado, Ramakrishna Rao. As agências telegráficas informam que entre os primeiros atos do novo governo figuram a comutação de todas as condenações à morte, a libertação dos presos políticos e importantes medidas de reforma agrária.

## POSIÇÃO INDEPENDENTE DO P. C. DA ÍNDIA

O órgão do Partido Comunista da Índia, analisando os resultados das eleições em Kerala, afirma que «as magníficas

vitórias do Partido em Kerala são motivo de júbilo não só para os comunistas, como também para os elementos democráticos do Partido do Congresso».

O Partido Comunista da Índia, tendo superado em seu último Congresso as tendências liquidacionistas e de reboque em face da burguesia, adota com firmeza a posição independente de Partido da Classe Operária, vanguarda do proletariado e do povo indú. O Partido apóia decididamente a política de paz e amizade com os países socialistas, adotada por Nehru, e que constitui um dos mais importantes fatores positivos da atual situação internacional, mas, ao mesmo tempo, colocando-se à frente das lutas do povo, opõe-se consequentemente a todos os aspectos reacionários — e que não são poucos, — da política interna do Partido do Congresso. Os recentes êxitos do Partido Comunista da Índia demonstram o seu crescimento e ligação crescente com as massas, — sólida garantia da marcha vitoriosa do povo indú para a completa independência e o Socialismo.



N. Khrushov e J. Kadar assinam a Declaração resultante das discussões travadas recentemente entre as delegações do PCUS e do Partido Socialista Húngaro dos Trabalhadores na capital soviética.

Em virtude de dispositivos da lei eleitoral da Índia, o Partido do Congresso, com 46,5% dos votos, obteve 73% dos mandatos, e o Partido Comunista, com 10% dos votos, obteve apenas 6% dos mandatos, na «Lok Sabha».

O telegrama da Agência France Presse conclui dos resultados que «o único partido que progride na Índia é o Partido Comunista».

O Partido Comunista da Índia saiu das eleições gerais como o maior partido de oposição, e o segundo do país. Pela primeira vez ele está representado em todas as assembleias estaduais.

## ASSUME O PODER O PRIMEIRO GOVERNO ESTADUAL COMUNISTA DA ÍNDIA

Imediatamente após a divulgação dos resultados das eleições em Kerala, o secretário-geral do Partido Comunista da Índia, Ajoy Gosh, declarou que o governo local, a ser constituído por seu Partido esperava cooperar com o governo central, e desejava a colaboração dos demais partidos. No dia 25 de março foi publi-

## OS ACONTECIMENTOS NO CHILE

Iniciadas a 29 de março, prolongaram-se durante 16 dias as intensas manifestações populares no Chile, contra a inflação e a carestia. O movimento começou com os protestos de estudantes contra a elevação das tarifas dos transportes coletivos. Desde o dia 3 está todo o país em estado de sítio. O número de mortos, segundo informações extra-oficiais, já atinge a 40, e o de feridos a mais de 350. As atividades estudantis foram suspensas por prazo indeterminado, por determinação da Federação de Estudantes do Chile, que exige a demissão do ministro do Interior, Coronel Videla. Mais de 800 pessoas foram detidas, e o presidente da Central Operária do Chile, Clotario Blest, foi desterrado para uma localidade afastada da Capital. As manifestações populares contra a política governamental assumiram forte cunho anti-imperialista, incluindo ataques aos edifícios da companhia norte-americana que monopoliza os serviços de eletricidade.

## CRISE NO PARTIDO CONSERVADOR INGLÊS

O pedido de demissão do Marquês de Salisbury trouxe à luz a séria crise que lavra no seio do Partido Conservador inglês. As causas são mais profundas que a razão alegada — a ordem de pôr em liberdade o arcebispo Makários de Chipre. Na realidade o grupo liderado por Salisbury considera que MacMillan, na Conferência das Bermudas, fez concessões excessivas aos Estados Unidos, inclusive no que se refere à questão dos projéteis teleguiados, — que ficarão sob o controle das forças armadas norte-americanas. MacMillan teria assim, segundo Salisbury, entregue a «defesa» da Grã-Bretanha aos Estados Unidos, transformando as ilhas britânicas em simples bases de lançamento de foguetes atômicos dirigidos.

## MODIFICAÇÕES NA POLÍTICA MILITAR BRITÂNICA

Premido pela gravíssima situação econômico-financeira da Inglaterra, — sintoma da qual foi a gigantesca greve, suspensa provisoriamente a partir do dia 2 —, o governo MacMillan anunciou em «livro branco sobre a defesa» uma série de medidas de redução de despesas militares. A economia será obtida por meio da diminuição dos efetivos das três armas. Paralelamente a isso, e como «compensação», será intensificado o armamento atômico, principalmente com bombas de hidrogênio, e com os projéteis teleguiados prometidos pelos Estados Unidos na Conferência das Bermudas. O «livro branco» anuncia ainda a intenção da Inglaterra de manter e consolidar suas posições coloniais, e de empregar «em caso de perigo», sem hesitação, armas nucleares «em aplicação do Pacto de Bagdad». Para este fim pretende a Inglaterra conservar, como base principal, a ilha de Chipre.

## PRETENDE A ALEMANHA OCIDENTAL TRANSFORMAR-SE EM POTÊNCIA ATÔMICA

Falando à imprensa, o chanceler Adenauer declarou que a Alemanha Ocidental «tem direito a contar com armas táticas, como granadas para artilharia atômica, cabeças termonucleares para projéteis teledirigidos, de curto alcance, e pequenas bombas atômicas». Indicou ainda que a Alemanha Ocidental poderá ser levada a transformar-se em uma potência atômica de primeira ordem. «O mundo alcançou tal estado no progresso de armas táticas», declarou ele, «que para nós se torna impossível aceitar que nossas tropas não tenham os últimos tipos, nem participem dos novos adiantamentos». Como se sabe, a recente aprovação do tratado da Euratom abre o caminho à participação da Alemanha de Adenauer na corrida atômica, possibilitando-lhe a realização imediata de pesquisas nucleares com matérias-primas obtidas nos outros países europeus signatários desse pacto.

## A DOCTRINA EISENHOWER EM AÇÃO

Apesar da firmeza demonstrada pelo Egito e pela Síria, e da recente decisão da jovem república do Sudão, de adesão à política de «neutralidade ativa» desses dois países, registraram-se durante a semana duas perigosas manobras de divisão dos povos árabes. O Parlamento do Líbano aprovou, por maioria, a doutrina Eisenhower para o Oriente Médio, o que levou sete deputados a renunciarem aos seus mandatos, em sinal de protesto. — entre os quais o ex-primeiro-ministro Abdullah Yafi. Na Jordânia tiveram algum êxito, graças às vacilações do rei Hussein, as provocações contra a Síria e anti-comunistas, fomentadas pelo imperialismo norte-americano. Essas provocações encontram no entanto forte resistência não só na opinião pública, como de parte do próprio primeiro ministro Soliman Naboulsi. Ao lado dessas manobras diversionistas, surgiram novas ameaças do governo de Israel, de reinício das hostilidades contra o Egito.

## CRÍTICAS AO «MAC-CARTHISMO» NOS ESTADOS UNIDOS

Numerosos setores da opinião pública norte-americana criticaram o Departamento de Estado por sua insistência em negar passaportes e vistos a correspondentes de imprensa que desejam visitar a República Popular da China. O suicídio do embaixador do Canadá no Cairo, acusado publicamente na investigação conhecida como «caça às feiticeiras», realizada por uma comissão do Senado norte-americano, está também provocando uma onda de protestos contra o «mac-carthismo».



# A IMPORTÂNCIA DA LUTA PELA PAZ

Em entrevista concedida no dia 19 de março ao jornal norte-americano «Grand Rapids Herald», Khrushchov afirmou que «quando se realizou em Genebra, em 1953 a Conferência dos chefes dos governos das quatro grandes potências, o mundo testemunhou um certo alívio da tensão internacional». «Infelizmente», continua Khrushchov «esse período não durou muito tempo — o ataque ao Egito e a subsequente tentativa de algumas potências de preencher o «vácuo» inventado por elas próprias no Oriente árabe, agravaram de novo sensivelmente a situação internacional, e criaram uma séria ameaça à paz naquela área». (Texto oficial distribuído pela agência Tass).

Esse reagramento da tensão internacional acentuou-se ainda mais após a Conferência das Bermudas, com a entrada dos Estados Unidos para o Pacto de Bagdad, a decisão anglo-americana de continuar com as experiências de bombas de hidrogênio, e o equipamento das forças armadas britânicas com projéteis teleguiados fornecidos pelos Estados Unidos. A intensificação, não só na Europa, como em outras áreas do mundo, da preparação aberta de uma guerra atômica, já agora baseada no emprego generalizado dos referidos projéteis, levou a União Soviética a dirigir a numerosos governos advertências enérgicas contra a instalação em seus territórios de bases norte-americanas de teleguiados.

Tais fatos não podem ser subestimados. Significam eles que exista perigo de guerra iminente, ou que a terceira guerra mundial tornou-se inevitável? Não, absolutamente não. A correlação de forças no mundo continua a desenvolver-se favoravelmente às forças do socialismo e da paz. Estas são suficientemente fortes para impedir uma nova guerra mundial, e isso ficou provado com a derrota do imperialismo, em fins do ano passado, no ataque ao Egito, na contra-revolução da Hungria, e na tentativa de divisão do campo do socialismo e do movimento comunista internacional.

No entanto seria ilusão perigosa supor que o imperialismo renunciará à guerra espontaneamente. Apesar do agravamento de suas próprias contradições internas, o imperialismo continua manobrando, numa tentativa desesperada de volta à guerra fria e de preparação de uma guerra atômica teleguiada. Enquanto existir o imperialismo, continuará existindo a base econômica para a guerra, e esquecer isso seria um grave erro.

Assistimos a um reagramento temporário da situação internacional, a um retorno temporário da guerra-fria. Mas isso não deve conduzir-nos a analogias esquemáticas com o passado, e devemos ver com bastante clareza que a guerra-fria de hoje não é e não pode ser a mesma de 1950. Grandes coisas ocorreram no mundo: a transformação do socialismo em sistema mundial; a decomposição do sistema colonial do imperialismo, com o surgimento de um grupo numeroso de novas nações independentes, que constituem, com os países socialistas, a «zona de paz»; as mudanças verificadas no interior da ONU, reflexo da mudança favorável da correlação de forças no mundo.

A guerra é evitável, e a tendência geral da situação internacional é para o desafogo e o progresso, como mostrou Chu En Lai em seu informe à Conferência Política Consultiva do Povo Chinês. Mas, essa conclusão inclui entre os seus fundamentos, a certeza de que as forças da paz continuarão lutando em todo o mundo contra todas as manobras e maquinacões do imperialismo. E na medida em que os povos árabes souberem resistir à Doutrina Eisenhower, dando novos e decisivos passos no sentido de sua emancipação; em que os patriotas indonésios forem capazes de derrotar as tentativas de golpes fomentadas pelo imperialismo; em que o povo brasileiro for mobilizado contra a concessão da base de teleguiados de Fernando de Noronha, e contra as novas concessões anunciadas; em que os povos da América Latina se unam contra planos como o de «defesa do Atlântico Sul»; na medida, enfim, que todos os partidários da paz, em todo o mundo, lutarem pela cessação imediata das experiências nucleares e pelos primeiros acordos de desarmamento — que podemos afirmar que a correlação de forças no mundo continuará a desenvolver-se favoravelmente, no sentido do desafogo e do progresso.

Qualquer tendência espontaneísta de considerar que a paz está automaticamente ganha, graças à força material dos países socialistas, à neutralidade ativa das novas nações afro-asiáticas, e ao jôgo das contradições inter-imperialistas, deve ser combatida. A luta organizada pela paz, em escala mundial, é hoje mais necessária que nunca, e nessa luta continua a ter papel de primeira importância o movimento mundial dos partidários da paz.

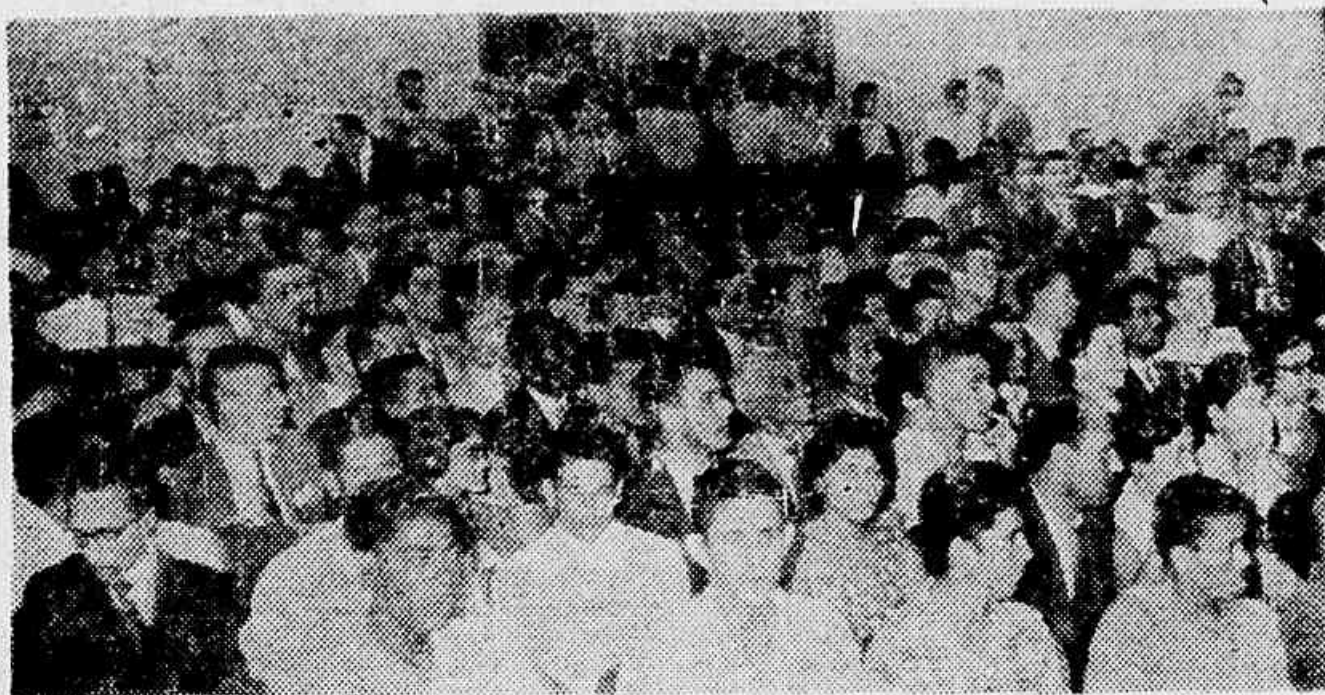


# Conclamado o Povo Brasileiro a Uma Vigorosa Campanha Patriótica em Defesa da Nossa Soberania

## MANIFESTO ASSINADO POR CENTENAS DE SENADORES, DEPUTADOS, LÍDERES OPERÁRIOS E ESTUDANTIS, PERSONALIDADES REPRESENTATIVAS DE TODOS OS SETORES DA VIDA NACIONAL — LOTADO O GRANDE SALÃO DA UNE POR ENTUSIASTICA ASSISTÊNCIA — «OS BRASILEIROS DEMONSTRARÃO AO MUNDO COMO SE DEFENDE E COMO LUTA UMA NAÇÃO PATRIÓTICA NA SALVAGUARDA DA SUA SOBERANIA E SERVIÇO DO SEU POVO!»

Na sede da União Nacional dos Estudantes foi solenemente instalada, na quarta-feira última, a COMISSÃO NACIONAL CONTRA O AJUSTE DE FERNANDO DE NORONHA. Entusiástica assistência lotou o grande salão e compuzeram a mesa o presidente da UNE, acadêmico José Batista de Oliveira, os senadores Atilio Vivaqua e Guilherme Malaquias, os deputados federais Dagoberto Sales, Frota Moreira, Abgvar Bastos, Bruzzi de Mendonça, o deputado estadual maranhense Raimundo Bastos representando o deputado federal Neiva Moreira, representantes dos deputados Fernando Ferrari e Seixas Dória, os vereadores do Distrito Fed-

ral Mourão Filho, Hélio Valcacer e Valdemar Viana, os vereadores Afonso Celso e Célio Coutinho da Câmara de Niterói e Raimundo Bento de Aguiar da Câmara de Volta Redonda, o desembargador Osni Duarte Pereira, general Edgard Buxbaum, economista Pompeu Acioly, professor Henrique Miranda, estudante José Luiz Clerot, presidente da UBES, estudante Rulian Rodrigues, presidente da AMES, universitário Habib Fahedi, secretário-geral da UNE, Constantino Menezes, presidente do Centro Acadêmico da Faculdade Nacional de Filosofia, Antônio Mariz, secretário do CACO, presidentes e representantes de vários sindicatos de trabalhadores.



PARTE DA GRANDE ASSISTÊNCIA QUE QUARTA-FEIRA ÚLTIMA COMPARECEU A UNE

### SITUAÇÃO NO BRASIL

★ Tornam-se cada vez mais evidentes os propósitos do governo de desmoralizar e intimidar o Congresso para que possa prosseguir no caminho do entreguismo por que enveredou. Tendo vetado a lei dos "cadilacs", o sr. Kubitschek manobrou através de seus líderes de modo a permitir que o veto fosse rejeitado e ficasse o Congresso desprestigiado aos olhos do povo. A mesma conduta está sendo adotada no caso ainda mais indecoroso do projeto de prorrogação dos mandatos

X X X

★ O pedido do velho cassador de mandatos, sr. Ivo de Aquino, para que a Justiça Militar processe o sr. Carlos Lacerda, foi dirigido à Câmara, depois de reunião no Catete, com o mesmo propósito de intimidação dos congressistas. Não é intenção do governo condenar aquele conhecido provocador, velho agente do Departamento de Estado, por haver revelado segredos do Itamarati. Naquela dependência da diplomacia do entreguismo nunca houve segredos para os agentes americanos. O que visa o governo é a desmoralização das imunidades parlamentares, é o mandato de que está investido o provocador Lacerda, é a intimidação a todos os deputados que pretendam utilizar a tribuna que lhes conferiu o povo para desvendar a política exterior do governo.

X X X

★ O sr. Alkmim, por sua vez, compareceu à Câmara e longe de explicar a ruinosa política que conduz no Ministério da Fazenda representou também a sua parte na encenação que durante toda a semana ocupou as atenções do Congresso. Revelou propostas da "Tribuna da Imprensa" e de Lacerda para que fosse liberado o automóvel deste, que está retido na Alfândega por falta de pagamento de direitos. No dia seguinte o líder da UDN ocupou a tribuna em resposta ao Ministro da Fazenda. Enquanto isso, continua sem ser instalada a Comissão de Inquérito sobre a política exterior e o "ajuste" de Fernando de Noronha confirmando assim os propósitos confessados, pelo líder do governo de torpedear a Comissão criada com o apoio popular. É urgente, pois, a mais ampla mobilização das forças democráticas e patrióticas para exigir a instalação da Comissão de Inquérito e a sua utilização, com o apoio do povo, na luta pela denúncia do ruinoso e humilhante ato de alienação de nossa soberania e de nosso território.

X X X

★ Apesar do ruído e do sensacionalismo que caracterizaram os fatos acima, surge claramente a tendência da maioria dos udenistas à colaboração com o governo, que predominou, com a eleição do sr. Juraci Magalhães para a presidência do partido. A indicação dos mais credenciados entreguistas para os postos de direção da UDN e a política de capitulação do governo frente ao imperialismo yanque, são fatos que mostram não passar de cortina de fumaça e de intimidação do parlamento todo o barulho em torno da cassação do mandato de Lacerda.

X X X

★ Em consequência da paralisação dos trens da Central por falta de energia, o povo que protestava foi vítima de espancamentos e violências por parte da Polícia Militar, a chamada direção da Central. Em Pernambuco também várias violências foram cometidas pela polícia do governador Cordeiro de Farias, numa tentativa de fazer calar os pernambucanos em sua indignação contra a reforma da Constituição do Estado. Foram presos vários líderes sindicais e outros estão ameaçados de prisão.

### MANIFESTO DE AMBI-TO NACIOAL

Sob entusiásticos aplausos o deputado Frota Moreira deu por instalada a Comissão e procedeu a leitura de um manifesto proclamando o povo brasileiro, os patriotas de todo o país e de tôdas as correntes partidárias e convicções ideológicas, a se unirem em vigorosa campanha nacional em defesa da nossa soberania, contra a entrega de bases a qualquer nação estrangeira, pelo exame por parte do Congresso do ajuste de Fernando de Noronha e revisão de todos os acordos internacionais lesivos aos interesses nacionais.

A importante conclamação, aprovada por toda a assistência, já conta com centenas de assinaturas de senadores, deputados, dirigentes sindicais, ma-

gistrados, líderes estudantis, vereadores, personalidades de destaque em todos os setores da vida social. Será brevemente publicada e levada a todos os Estados e regiões do território nacional para receber o apoio de nomes que expressem uma autêntica representação de todo o povo brasileiro.

### A CAMPANHA ESTA' NAS MAOS DO POVO

Está, assim, lançada a campanha nacional em defesa dos mais sagrados interesses da pátria. Está nas mãos do povo brasileiro a vitória necessária que se consubstanciará com a anulação pelo Congresso, do ajuste de Fernando de Noronha e demais pactos lesivos à soberania nacional. Nos mais distantes pontos do solo pátrio levantar-se-ão os brasileiros, unindo seus esforços para que a campanha transborde em um movimento de opinião e de vontade soberana do nosso povo que restitua ao Brasil a sua soberania, preserve nosso território da ocupação yanque, afaste de nossas cida-

des, de nossos lares a sinistra ameaça da guerra atômica a que estaríamos sujeitos como base de agressão dos teleguiados norte-americanos, assegure, enfim, as liberdades democráticas que teriam de ser liquidadas para que fosse possível submeter nossa pátria e nosso povo a tão sinistro destino, a tantos males e humilhações.

Como afirmou o ilustre senador Atilio Vivaqua, encerrando a solenidade sob uma tempestade de aplausos:

«O ACÓRDO MILITAR E' UM VERDADEIRO PAR DE ALGEMAS QUE NOS SUBORDINA A DECISAO INAPELAVEL DO GOVERNO AMERICANO.

OS BRASILEIROS SABERAO DEFENDER A SUA PATRIA, SEM ÓDIOS E SEM RANCORES. DEMONSTRARAO AO MUNDO COMO SE DEFENDE E COMO LUTA UMA NAÇÃO PATRIÓTICA NA SALVAGUARDA DA SUA SOBERANIA E AO SERVIÇO DE SEU POVO!»

## O Sentido Unitário da Convenção Sindical do Distrito Federal

AGOSTINHO DE CARVALHO

Estamos próximos à realização da Convenção Sindical dos Trabalhadores do Distrito Federal. Podemos considerar este conclave como o maior acontecimento em nossa vida sindical, depois da realização, em abril de 1946, do I Congresso Sindical dos Trabalhadores do Distrito Federal, em que tomaram parte 78 organizações, sendo 75 sindicatos e 3 comissões sindicais.

O processo unitário que culminará com a Convenção e, conseqüentemente, com as comemorações de 1º de Maio, se processa há vários anos. Tomou formas diferentes, ampliou-se à medida em que se sentiu a necessidade da unidade de ação em defesa dos direitos sindicais, das liberdades democráticas, con-

tra o alto custo de vida, pela melhoria salarial e o salário-mínimo, pela melhoria e extensão da previdência social, etc...

Assim, em 1954, tivemos a luta conjugada pela elevação do salário-mínimo estruturando-se a unidade de ação não só nesta reivindicação, mas em outras, algumas delas de sentido social e político, inclusive contra os golpistas de 24 de Agosto. No governo do sr. Café Filho o movimento sindical em nossa cidade tomou impulso em defesa das liberdades sindicais, pelo direito de greve e contra o Decreto-Lei 9.070, apresentando-se, ainda, no cenário político, defendendo os postulados democráticos, eleições livres e posse dos candidatos eleitos.

O fruto desta ação comum resultou no 1º de Maio unitário de 1956, onde tôdas entidades sindicais aqui localizadas apresentaram-se unidas, refletindo o seu pensamento junto ao governo no memorável «Discurso do Trabalhador». Neste discurso e nesta ação unitária o movimento sindical carioca apresentava-se publicamente independente, colocando em seus devidos termos as suas reivindicações e problemas.

A partir desta data um novo rumo toma o sindicalismo em nossa cidade. Surge, assim, o Conselho Regional da CNTI, congregando os representantes dos sindicatos na indústria e, neste organismo, passa, em verdade, a ser

o centro da atividade sindical carioca, a congregar em torno de si as demais entidades dos diferentes ramos de atividades. O «Discurso do Trabalhador», de 1º de Maio de 1956, foi o ponto de partida programático para a confecção da «Carta Econômica» e, conseqüentemente, da apresentação do «Decálogo do Trabalhador», em 31 de janeiro último, quando das comemorações do 1º aniversário da administração do atual governo.

Por inspiração, ainda, do Conselho Regional da CNTI, frente a problemas latentes na vida operária como o semi-desemprego na Fábrica Confiança, a situação de (Conclui na 9ª página)



# 40º Aniversário da Revolução Socialista de Outubro

## Importante Resolução do C.C. do P.C.U.S. sobre os preparativos para as comemorações

Transcrevemos a seguir a Resolução do Comitê Central do PCUS sobre o 40º aniversário da Revolução de Outubro e os preparativos para as suas comemorações.

A sete de novembro de 1957 completam-se quarenta anos da Grande Revolução Socialista de Outubro, que abriu uma nova era na história da humanidade — a era da derrocada do capitalismo e da consolidação da nova sociedade socialista.

A Revolução Socialista de Outubro foi realizada sob a direção do Partido Comunista com o grande Lênin à frente. Derribando o poder dos latifundiários e capitalistas, ela estabeleceu em nosso país o domínio da classe operária, a ditadura do proletariado, o poder soviético — a mais alta forma de democracia, a democracia para as mais amplas massas populares. Pela primeira vez na história o povo tornou-se o dono de seu país: as fábricas, as usinas e as estradas de ferro, a terra e as suas entranhas tornaram-se bens dos trabalhadores.

Em todas as revoluções do passado teve lugar a substituição de uma forma de exploração por outra, a substituição do domínio de uma classe exploradora pelo de outra classe exploradora. A Revolução de Outubro conduziu ao aniquilamento, na URSS, de toda exploração do homem pelo homem e de todas as formas de opressão nacional e de desigualdade nacional.

A Grande Revolução Socialista de Outubro significou a mais profunda transformação na economia, na estrutura de classe da sociedade, nas relações nacionais, na vida política e cultural dos povos.

A Revolução Socialista de Outubro salvou nosso país da catástrofe econômica e política iminente, da ameaça de seu desmembramento e subjugação pelos carneiros imperialistas. Proclamando a paz e indicando a todos os povos a saída da sangrenta guerra imperialista, ela resolveu a questão que V. I. Lênin chamava de «questão de vida ou de morte para dezenas de milhões de seres». Esta grande revolução popular é o exemplo da luta mais audaz, mais decidida dos operários e camponeses contra a guerra, pela paz entre os povos.

A Grande Revolução Socialista de Outubro foi realizada sob a bandeira triunfante do marxismo-leninismo. Ela desferiu um potente golpe na ideologia burguesa, na ideologia do oportunismo e do reformismo dentro do movimento operário, no social-chovinismo e no nacionalismo reacionário; converteu em realidade viva os grandes princípios do internacionalismo proletário, exerceu uma influência que revolucionou o pensamento dos trabalhadores de todos os países, elevou a nova etapa do movimento operário e de libertação nacional mundial.

A Revolução Socialista de Outubro abriu o mais vasto horizonte para o desenvolvimento das forças produtivas do país soviético. Ela elevou à criação histórica conciente as mais amplas massas populares, que deram prova de prodígios de heroísmo na luta contra as forças do regime velho, antiquado, na criação da sociedade nova, de vanguarda.

A Revolução Socialista de Outubro emancipou a mulher, assegurou-lhe plena igualdade de direitos na vida política e social, descoratinou-lhe as mais amplas possibilidades para a participação ativa no trabalho social e na educação da nova geração, elevou bem alto a dignidade da mulher-mãe. A Revolução de Outubro abriu ante a juventude de todas as nacionalidades que povoam o país soviético um largo caminho para a conquista de conhecimentos, para a aquisição de uma qualificação produtiva, para o trabalho criador, para a audácia e os grandes feitos em prol da felicidade e da glória do povo soviético, em prol do comunismo.

Não foi fácil construir o socialismo num país agrário, atrasado, arruinado pela guerra, cercado por todos os lados de Estados capitalistas inimigos. Muitas dificuldades e obstáculos tiveram de vencer-se, no caminho da construção do socialismo. Mas a heroica classe operária, o campesinato trabalhador, a intelectualidade de vanguarda do nosso país, inspirados e dirigidos pelo Partido Comunista leninista, não retrocederam diante dessas dificuldades e obstáculos, souberam superá-los em luta acirrada contra as classes exploradoras, contra os menchevistas, os socialistas-revolucionários, os trotskistas, os bucharinistas, os nacionalistas burgueses e outros inimigos do socialismo.

O povo soviético, em reduzidíssimo prazo histórico, realizou a industrialização socialista do país, resolveu a tarefa mais difícil da revolução proletária após a conquista do poder — a coletivização da agricultura, levou a termo a revolução cultural, liquidou as classes exploradoras, construiu a primeira sociedade socialista no mundo. Todas essas vitórias foram conquistadas em 40 anos de existência do poder soviético, dos quais não menos de 18 foram ocupados pela guerra civil e pela segunda guerra mundial e pelos períodos subsequentes de restabelecimento da economia nacional.

A vitória histórico-mundial do povo soviético sobre o fascismo na segunda guerra mundial salvou da ameaça do jugo fascista não somente os povos da União Soviética, mas também a toda a humanidade. No curso desta guerra o povo soviético, o sistema político e econômico do socialismo suportaram com honra todas as provas e o Estado soviético tornou-se ainda mais forte e poderoso. Tudo isso evidencia a força vital inexgotável do regime socialista.

Sob a direção do Partido Comunista, a União Soviética transformou-se em poderosa potência industrial do mundo, em país da técnica e da ciência de vanguarda. Em 1957 a indústria da URSS relativamente ao período de antes da revolução, cresceu em mais de 30 vezes, e a indústria pesada, base do desenvolvimento de toda a economia socialista, em mais de 50 vezes. A criação de uma potente indústria socialista — base da economia so-

cialista — é um feito sem par da heroica classe operária, da intelectualidade popular, de todo o povo soviético.

A Revolução Socialista de Outubro e a coletivização da agricultura significaram a mais profunda transformação das bases da produção agrária, da existência e do modo de viver de todo o campesinato. A realização coroada de êxito das medidas traçadas pelo Partido nos últimos anos, com vistas ao ascenso vertical da produção agrária, mais e mais revelou a força gigantesca do regime colcosiano, a superioridade da grande agricultura coletivizada socialista. O aparelhamento da agricultura com a técnica mais avançada, a introdução em grande escala das conquistas da ciência e da experiência de vanguarda na produção dos colcosos e sovcoses, a assimilação de muitos milhões de hectares de terras virgens e abandonadas permitiram aumentar muito a produção de cereais e fazer progredir a pecuária.

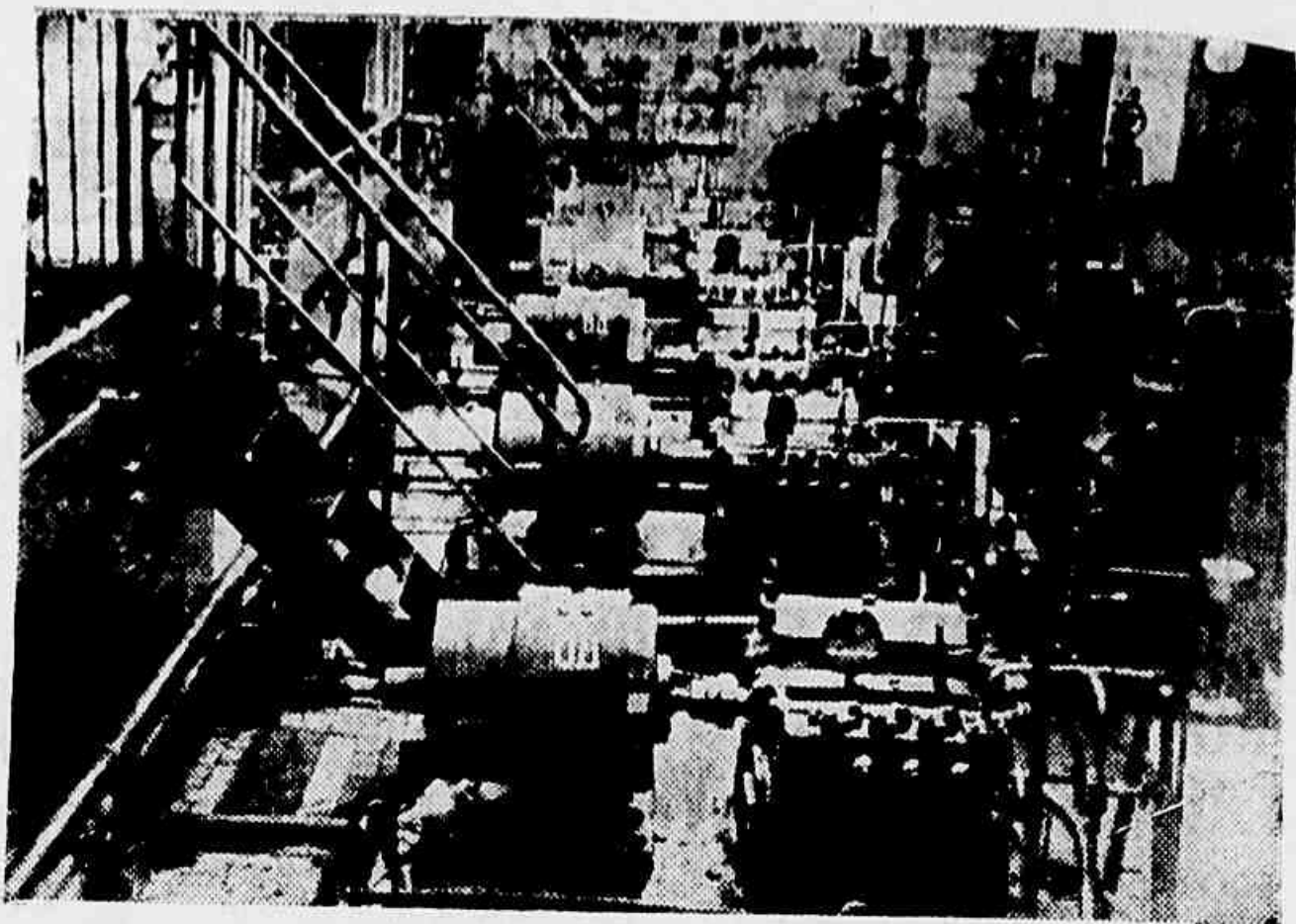
Todos esses êxitos econômicos, o grandioso salto de nosso país da técnica do passado, atrasada, primitiva, para a indústria mecanizada de primeira classe, para as gigantescas estações hidro-elétricas, o automatismo, a tele-mecânica, a utilização da energia atômica, provam com exuberância a superioridade histórico-mundial do sistema socialista de economia.

A Revolução Socialista de Outubro abriu a mais vasta perspectiva para o desenvolvimento político e econômico de todas as nacionalidades que povoam a URSS, para a afirmação de sua soberania estatal e o florescimento de sua cultura, nacional na forma, socialista no conteúdo. A grande amizade, a unidade e a ajuda mútua dos povos relegaram ao passado o seu isolamento e hostilidade. Triunfou a política nacional leninista — política da igualdade de direitos, da amizade e da fraternidade de todos os povos e nações.

Na luta pelo socialismo, a gente soviética — os operários, os camponeses, a intelectualidade — cresceu espiritualmente, elevou-se a sua consciência, revelaram-se amplamente as poderosas forças criadoras do povo como herói e construtor da história, artífice da vida nova, socialista.

Na URSS, pela primeira vez na história, acabou-se com o desemprego e a miséria. Juntamente com o crescimento da produtividade do trabalho, com o ascenso da produção industrial e agrária, cresce a receita nacional, eleva-se o nível de vida dos trabalhadores da cidade e do campo. No país, que antes da revolução contava com 76% de analfabetos (com 9 e mais anos de idade), está em vigor por toda parte a instrução geral de sete anos e começa a passagem à instrução geral de dez anos. Cresceu, em todas as Repúblicas federadas, uma numerosa intelectualidade popular, que leva adiante com segurança a ciência, a técnica, a cultura soviéticas.

A vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro e a consolidação do regime socialista no país soviético exerceram uma influência marcante em toda a marcha do desenvolvimento histórico. Na Europa e na Ásia desenvolveu-se um poderoso movimento proletário e de libertação nacional. O esmagamento das forças fascistas na segunda guerra mundial, em que cabe à União Soviética um mérito decisivo, ainda mais expandiu o movimento revolucionário proletário e de libertação nacional. Despertaram para a vida política ativa centenas de milhões de seres humanos nos países da Ásia e da África, que sofreram por séculos o jugo da escravidão colonial. Como resultado do movimento de libertação nacional triunfante lograram a in-



Uma das primeiras fotografias da Central Elétrica movida a energia atômica, utilizada para fins pacíficos, recentemente inaugurada na URSS.

dependência os maiores Estados do Oriente, que agora desempenham importante papel nas relações internacionais, na luta pela paz.

O acontecimento mais importante da história mundial depois da Grande Revolução Socialista de Outubro foi a vitória das revoluções socialistas na China e numa série de Estados da Europa e da Ásia. Resultado da luta heroica dos povos, estas revoluções comprovam, ao mesmo tempo, a decomposição, que continua, do sistema mundial capitalista, o movimento progressivo invencível de toda a humanidade para o socialismo. A crise do sistema mundial do capitalismo, que começou ao tempo da Revolução de Outubro, torna-se cada vez mais aguda e profunda. Os países que se separaram do sistema capitalista formaram juntamente com a União Soviética um único campo socialista, cuja potência econômica, política e ideológica se fortalece ininterruptamente, o que exerce uma influência favorável em toda a marcha do desenvolvimento mundial.

A grande colaboração dos países socialistas, que une com laços fraternais a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a República Popular da China, a República Popular da Albânia, a República Democrática Alemã, a República Popular da Bulgária, a República Democrática-Popular da Coreia, a República Popular da Hungria, a República Popular da Mongólia, a República Popular da Polónia, a República Popular da România, a República Popular da Tchecoslováquia, a República Democrática do Vietnam, tornou-se a cidadela inexpugnável da paz e da segurança dos povos.

Os êxitos grandiosos, em todos os terrenos da vida social, da grande colaboração dos países socialistas provocam uma cólera furiosa nos imperialistas. Durante os quarenta anos de existência do novo regime social a reação internacional tentou, por meio da espionagem e da diversão, de conspirações contra-revolucionárias e aventuras militares diretas, impedir o desenvolvimento vitorioso dos países socialistas. Entretanto todas estas tentativas fracassaram, pois não há artifícios, sejam quais forem, que possam deter o processo histórico-mundial de consolidação do novo regime socialista. A esse respeito é bastante significativa a recente tentativa, completamente frustrada, da reação imperialista internacional de derrubar o regime democrático-popular na Hungria. A esse respeito falam também outras manobras e provocações dos agressores imperialistas, orientadas no sentido do agravamento da situação internacional.

V. I. Lênin indicava que cedo ou tarde todos os países chegarão ao socialismo. Frizando a necessidade de estudar bem a originalidade e a especificidade nacionais dos diferentes países, Lênin assinalava que as leis e traços fundamentais do desenvolvimento da revolução socialista na URSS têm não uma significação local, não uma significação nacional singular, mas uma significação internacional. Esses traços e leis gerais são: a ditadura do proletariado, isto é, o poder político da classe operária, dirigida pelo Partido Comunista; a aliança da classe operária com as massas fundamentais do campesinato e com todas as outras camadas de trabalhadores; a liquidação da opressão nacional e o estabelecimento da igualdade de direitos e da amizade fraternal entre os povos; a liquidação da propriedade capitalista e o estabelecimento da propriedade social, socialista sobre os meios fundamentais de produção, o desenvolvimento planejado da indústria, de toda a economia, orientado no sentido da construção do socialismo e do comunismo, da elevação do nível de vida dos trabalhadores; a transformação socialista progressiva da agricultura; o fortalecimento do Estado socialista e a defesa das conquistas do socialismo dos atentados dos inimigos de classe ex-

ternos e internos; a solidariedade da classe operária do país com a classe operária dos outros países (internacionalismo proletário).

Juntamente com toda a originalidade da Revolução de Outubro, ligada às condições históricas da Rússia, ela abriu a estrada geral pela qual estão indo e irão ao socialismo os proletários de todos os países.

Durante quarenta anos a União Soviética, dirigindo-se pelo princípio leninista da coexistência pacífica de Estados com diferentes sistemas sociais, veio realizando inflexível e consequentemente uma política de paz, uma política de amizade e de desenvolvimento de laços econômicos e culturais reciprocamente vantajosos com todos os países. Empregando todos os esforços para a manutenção e a salvaguarda da paz em todo o mundo, o povo soviético não pode deixar de considerar a tendência das forças agressivas a desencadear uma nova guerra. Por isso é necessário preocupar-se incansavelmente com o fortalecimento da capacidade de defesa do país, com a defesa sólida das grandes conquistas da Revolução Socialista de Outubro.

O povo soviético realizou gloriosas tarefas históricas. Agora levanta-se ante os trabalhadores da sociedade socialista a grandiosa tarefa de criar a base técnico-material do comunismo, a tarefa de em curto prazo histórico, alcançar e ultrapassar na produção per capita os países capitalistas mais desenvolvidos. Aperfeiçoando continuamente a produção à base da alta técnica e de sua organização cada vez melhor, o povo soviético luta sem descanso pelo aumento da produtividade do trabalho, pela criação da abundância dos bens materiais. Desenvolvendo o democratismo socialista, atraindo cada vez mais amplamente as massas populares à participação diária ativa na direção do Estado, à direção da edificação econômica e cultural, desenvolvendo a ciência e a cultura, elevando cada vez mais alto a consciência socialista da gente soviética, a sociedade socialista marcha firmemente para diante, pelo caminho traçado pelo Partido Comunista, — para o comunismo.

Em seguida, a resolução contém as medidas adotadas pelo Comitê Central do PCUS para as comemorações do 40º aniversário da Revolução Socialista de Outubro. Entre estas medidas destacam-se a organização e o amplo desenvolvimento da emulação socialista, a realização de um vasto trabalho político-ideológico entre as massas, a criação de comissões nas empresas, colcosos, sovcoses, escolas, etc., a publicação de obras dedicadas à Revolução Socialista de Outubro e às realizações do Poder Soviético, a elaboração de Teses sobre o 40º aniversário da Revolução, assim como a realização de filmes, festivais, exposições, transmissões radiofônicas e de TV, consagradas ao grande acontecimento.

Prossegue a resolução:

«O Comitê Central do PCUS exprime a sua firme confiança de que a comemoração do 40º aniversário de Outubro unirá ainda mais estreitamente todo o povo de nosso país em torno do Partido Comunista e do Governo Soviético, solidificará mais ainda a inquebrantável aliança da classe operária e do campesinato colcosiano, a amizade dos povos da URSS, fortalecerá os laços internacionais de nosso povo com os trabalhadores de todos os países e levantará ainda mais alto a iniciativa e a atividade criadoras das massas de milhões dos trabalhadores na luta pelo comunismo.»

O Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética.

16 de março de 1957.



# BOLETIM DO DEBATE

## O "DIREITO DA MINORIA" E O FRACIONISMO

No Boletim de Debate da VOZ OPERÁRIA de 19-1-57, o camarada Osvaldo Peralva, insiste na defesa do «direito da minoria», desta vez para responder ao camarada Hércules Correia dos Santos. O camarada Osvaldo Peralva, então, desenvolve suas opiniões anteriormente expendidas e torna mais claros os objetivos que persegue.

Para argumentar em favor do «direito da minoria», o camarada Peralva faz uma interpretação própria, errônea, da História do P.C.U.S. e de citações de V. I. Lênin. Nessa interpretação, coloca-se do lado oposto a todo o sentido do desenvolvimento da história do Partido criado por V. I. Lênin, como quem quisesse fazer voltar para trás o processo de formação dos Partidos Comunistas e Operários marxistas-leninistas. Sua interpretação é metafísica, pois não leva em conta o processo de desenvolvimento dos partidos revolucionários da classe operária, nem distingue os diferentes períodos desse desenvolvimento como etapas do mesmo processo. Além disso, sua interpretação da História do P.C.U.S. não é feita do ponto de vista dos interesses do proletariado, mas sim, de um ponto de vista menchevique, reacionário.

A História do P.C.U.S. é a história do processo de formação, de consolidação e de vitória do partido de novo tipo, do partido revolucionário do proletariado, que dirige a luta pela derrocada do capitalismo e pela construção do socialismo e do comunismo. A História do P.C.U.S. é a história do desenvolvimento da teoria marxista; é a história da elaboração, na atividade revolucionária, dos princípios fundamentais da estratégia e da tática da revolução proletária; é a história do desenvolvimento e consolidação dos princípios básicos da construção do partido revolucionário do proletariado, nas condições históricas da época do imperialismo. A tarefa de criação de um partido de novo tipo, em todo o mundo, surgiu historicamente na Rússia czarista, para onde, nos fins do sec. XIX, havia se deslocado o centro do movimento revolucionário do proletariado internacional. Dirigido pelo gênio de V. I. Lênin, o proletariado russo criou o seu partido de novo tipo nas condições de uma acirrada luta de classes, no momento de uma reviravolta na história universal. Essa luta de classes, para que pudesse ser decidida em favor do proletariado, levantou, como uma das primeiras tarefas, a necessidade da derrota, em todos os terrenos, de todos os tipos de oportunistas, de todos os agentes da burguesia no seio do movimento operário, entre os quais, na Rússia czarista, estavam os populistas e mencheviques. Esta foi uma dura luta, prolongada e cheia de zig-zags, e que no plano internacional continua até nossos dias. O partido de novo tipo, criado, pela primeira vez na Rússia czarista, serviu depois como modelo para a criação de todos os Partidos Comunistas e Operários marxistas-leninistas.

A criação do primeiro partido de novo tipo do proletariado foi fruto da vitória da corrente revolucionária do proletariado russo sobre a corrente oportunista, e não, simplesmente, fruto da vitória da «maioria» contra a «minoria». No seu artigo, o camarada Peralva não toma em consideração nem a situação histórica concreta, nem o conteúdo de classe da luta entre bolcheviques e mencheviques, reduzindo tudo a uma simples luta entre «maioria» e «minoria». Não vê na luta entre bolcheviques e mencheviques senão a forma, sequer se refere ao conteúdo dessa luta. Cita e interpreta V. I. Lênin que foi o campeão na luta pela unidade e pela pureza do Partido, de modo errôneo e falsificado.

Se se quer ocupar uma posição justa e do ponto de vista do proletariado, a história tem que ser estudada como um processo, na qual cada acontecimento, cada fato deve ser analisado e interpretado como parte do processo e em função do sentido do seu desenvolvimento. A História do P.C.U.S. e toda a atividade dirigente e criadora de V. I. Lênin, interpretadas de um ponto de vista proletário e não menchevique, constituem a mais cabal negação dos argumentos a que recorre o camarada Peralva. Toda a História do P.C.U.S. e toda a luta de V. I. Lênin constituem um único processo voltado no sentido da criação, desenvolvimento e consolidação de um partido revolucionário da classe operária, centralizado, disciplinado, combativo e solidamente unido, sem o qual o proletariado

não poderia vencer. O fato de que bolcheviques e mencheviques tenham convivido num único partido, durante os primeiros anos, foi uma particularidade da formação do P. C. U. S. Entretanto, a expulsão dos mencheviques liquidacionistas do Partido, em 1912, na Conferência de Praga, colocou fim a esse período de convivência. Outros grupos, que se opunham à orientação revolucionária do Partido, surgiram depois, em diferentes ocasiões, refletindo sempre o aguçamento da luta de classe entre o proletariado e a burguesia. No X Congresso, porém, o Partido ordenou a imediata dissolução de todos os grupos e decidiu que a violação dessa resolução do Congresso determinaria a expulsão indiscutível e imediata do Partido. Convém que o camarada Peralva se lembre de que tal resolução foi tomada à base de um informe apresentado por V. I. Lênin. O X Congresso, tomando tal decisão, assinalou que tais grupos «de fato, ajudam os inimigos de classe da revolução proletária». É evidente que todos os Partidos Comunistas levaram em conta esta importante experiência e não precisaram percorrer o mesmo caminho para chegar à mesma conclusão; por isso, condenam em seus estatutos toda a atividade fracionista como incompatível com os interesses do Partido. O camarada Peralva, se estudasse a História do P.C.U.S. pensando nos interesses do proletariado, não teria deixado passar despercebido este ensinamento.

Acontece, porém, que o camarada Peralva afirma que não propugna pela existência de grupos fracionistas dentro do Partido. Tais são as suas palavras: «Em suma, o que defendo, aliás procurando fundamentar uma tese do Projeto de Resolução do C.C., é a ampliação dos direitos dessa minoria». Entretanto, são outras afirmações contidas em seu artigo as que dizem quais são, reamente, seus objetivos. O camarada Peralva pretende nos passar gato por lebre, ou, então, esconder o gato que tem a cabeça de fora.

O camarada Peralva escreve que «não é verdade que uma minoria só possa existir em forma de grupo fracionista». Reconhece, no entanto, que existe «a possibilidade de que uma minoria se transforme em grupo fracionista». Já, naturalmente, entra em jogo a aceção do termo «minoria». Nos Estatutos do P.C.B. o termo «minoria» é empregado no sentido de uma minoria que surge ocasionalmente, num momento dado, no ato formal da votação de qualquer decisão de um organismo partidário. Tomada a resolução, por maioria de votos, a minoria, isto é, a soma formal daqueles que discordaram da opinião da maioria, deixa de existir, pois o reconhecimento e o cumprimento da resolução passa a ser obrigatória para todos. De tal maneira, tanto se respeita o centralismo, como a democracia interna. O camarada Peralva considera, porém, que tal aceção do termo «minoria» não satisfaz, não atende aos objetivos que tem em mira. Não lhe convém a aceção do termo «minoria», no sentido de uma minoria que não pode se transformar em grupo fracionista. Como, então, compreende o camarada Peralva sua tese de «ampliação dos direitos da minoria»? A resposta a esta pergunta encontra-se no seu próprio artigo. Peralva considera que os Estatutos do P.C.B. devem oferecer «as condições práticas para que a minoria, no intervalo de três anos entre os congressos ordinários, defenda livremente seus pontos de vista». Quer que os Estatutos do P.C.B. ofereçam «as condições práticas» para que a «minoria» tenha a «possibilidade de convencer «um número de organizações do Partido cujos efetivos representam pelo menos dois terços do total de membros do Partido» — conforme exige o art. 21, para que se possa convocar um congresso extraordinário! É claro que, neste caso, o termo «minoria» já não é empregado na mesma aceção com a qual se encontra empregado nos Estatutos do P.C.B. Ao que se refere o camarada Peralva, já se trata de uma «minoria» organizada, ativa. De outro modo não se poderia compreender que pretendesse realizar uma tal tarefa, como a de convencer dois terços do total de membros do Partido. Em suma, o que advoga o camarada Peralva é que os Estatutos do P.C.B. ofereçam as «condições práticas» que abram as portas à «possibilidade de que uma minoria se trans-

CALIL CHADE

forme em grupo fracionista». Quer que o Estatuto do Partido consagre a existência legal, em seu seio, de grupos fracionistas. Advoga que os Estatutos do Partido permitam que se desenvolva livremente aquilo que o próprio camarada Peralva confessa que já existe em forma embrionária. É o que se pode deduzir de sua afirmação: «Creio sinceramente que a esta altura dos acontecimentos os que pensamos assim, os que lutamos pelo novo curso somos já maioria; se não o somos hoje, se-lo-emos com toda a certeza amanhã». Quem são esses «os que pensamos assim», «os que lutamos pelo novo curso»? Com toda a certeza, trata-se de um grupo em processo de formação, procurando criar o fracionismo dentro do Partido. Falaremos sobre isto mais abaixo.

O camarada Peralva pretendeu buscar, nos documentos do VIII Congresso do Partido Comunista da China, argumentos para a sua tese em favor da «ampliação do direito da minoria». Tomemos, concretamente, os Estatutos do P.C.C. aprovados no VIII Congresso. Nêle não encontramos nenhum artigo que ofereça as «condições práticas» para que possa existir no Partido uma «minoria», como grupo ativo nos moldes pretendidos pelo camarada Peralva. O termo «minoria» é sempre empregado nos Estatutos do P.C.C. na mesma aceção com que é empregado nos Estatutos do P.C.B. e nos de todos os Partidos Comunistas e Operários marxistas-leninistas. Os Estatutos do P.C.C. falam sempre em direitos do MEMBRO do Partido e nunca em direitos da MINORIA. No fundamental, o art. 21 dos Estatutos do P.C.B. garante ao MEMBRO do Partido, no que se refere aos casos de discordância quanto a resoluções adotadas nos organismos partidários, os mesmos direitos assegurados ao MEMBRO do Partido, nos Estatutos do P.C.C. Sou de opinião de que os Estatutos do P.C.B. poderiam vir a estabelecer a responsabilidade e as sanções relativas aos responsáveis por violações dos direitos do MEMBRO do Partido, tal como fazem os Estatutos do Partido Comunista da China. O futuro Congresso do P.C.B., oportunamente, poderia examinar esta questão. Isto, porém, nada tem a ver com a «ampliação do direito da minoria».

De tudo que examinamos, chegamos à conclusão de que o camarada Peralva não pode encontrar, em parte alguma, do ponto de vista dos interesses do Partido, qualquer argumento em favor de sua tese de ampliação

do direito da minoria». Resta saber, então, a quem serve o camarada Peralva ao insistir na defesa dessa tese, já que o seu objetivo é a legalização no Partido dos grupos fracionistas; a transformação do Partido numa organização heterogênea, difusa e inórm; romper os laços da organização, minar a coesão e a disciplina do Partido, glorificar o individualismo peculiar dos intelectuais e justificar uma disciplina anárquica.

Não há dúvida de que o camarada Peralva serve a uma tendência que, no decorrer da atual discussão pela imprensa democrática e nas organizações do Partido, veio à tona. Essa tendência revisionista oportunista de direita expressa-se no conteúdo de uma enxurrada de artigos que vêm difundindo, nas fileiras partidárias, entre os amigos do Partido e entre a classe operária, opiniões revisionistas, nacional-reformistas, contrárias ao internacionalismo proletário, hostis à União Soviética e ao P.C.U.S. Do mesmo conteúdo é a Resolução do C.R. do Ceará, aprovada quando discutiu o Projeto de Resolução do C.C. Os defensores dessas opiniões e integrantes dessa tendência pretendem apresentar-se ante os militantes do Partido como defensores do «novo» contra o «velho». Entretanto, o «novo» que pregam exala o mau cheiro do velho oportunismo de direita dos que temem a revolução, como o diabo tem medo da cruz. Essa tendência revisionista oportunista de direita desenvolve-se no sentido do fracionismo. Os integrantes dessa corrente propõem a liquidação do P.C.B., como Partido marxista-leninista, e sua transformação num partido do tipo dos partidos reformistas da II Internacional. Cada um dos componentes dessa corrente aborda, regularmente, em seus artigos um mesmo tema, como se cada um deles se especializasse numa questão e obedecesse a um plano preestabelecido. O camarada Peralva, por exemplo, bate sempre na mesma tecla da «ampliação dos direitos da minoria» e do ataque à direção do Partido, através do ataque ao núcleo dirigente. A atividade desenvolvida por esse grupo de camaradas não serve ao Partido, nem à classe operária, nem ao povo brasileiro. Favorece, isto sim, aos interesses dos imperialistas que subjagam, cada vez mais, nossa pátria, e aos interesses dos grandes capitalistas e latifundiários, que exploram, de modo crescente, nosso povo e traem os interesses nacionais. E tudo isto ocorre, precisamente, num momento em que mais se torna necessária a existência ativa, à frente das massas, de um Partido revolucionário e unido.

## SOBRE A U. J. C.

SEVERINO DE OLIVEIRA

Inicialmente quero manifestar o meu ponto de vista inteiramente favorável às discussões amplas antes de tomar-se resoluções importantes, como no caso, a dissolução ou não da U. J. C. Em divergência com o companheiro Walter Pomar em artigo publicado na I. P., em fins de fevereiro), sou favorável à dissolução.

Acho que o companheiro tem o direito de defender a sua opinião, mas não resta dúvida que ele fez uma análise muito unilateral da questão. Afirma que surgiu entre membros do Partido, e especialmente naqueles que atuam na U. J. C., a tendência de dissolver pura e simplesmente a Juv. Com., passando os seus membros para as organizações do Partido. Diz ainda que é necessário discutir tal tendência, pois foi vitoriosa na Conferência Nacional da U. J. C. Isto é um fato, porém, mais adiante, o camarada ligando o estudo do trabalho entre as massas juvenis e posições

gerais sobre o caráter da revolução em nosso país, diz que entre os camaradas que advogam a dissolução há fortes dúvidas e restrições ao caráter da revolução «acham que o Partido deve lutar somente pelo desenvolvimento da economia e que deve participar da frente única já estruturada». Enfim, diz que esta opinião é fruto de ideologia burguesa refletida nas fileiras do Partido.

Alá coisa se torna mais séria. O companheiro não tem razão de tirar conclusões gratuitamente como fez, sem elemento de espécie alguma. Em que documento, em que discussões o companheiro viu esta dúvida ao caráter da revolução? Ele, sim, é que revela a tendência antiga, fruto do culto à personalidade, do dogmatismo, de se rotular logo qualquer manifestação diferente do exigido, como nacionalismo, rebaixamento, etc. Felizmente, esse método não pega mais, já

está superado embora ainda tenha adeptos, como vemos.

O camarada ainda afirma: «Lógicamente, se se nega a necessidade da revolução, de mudanças qualitativas na estrutura social, negar-se-á também, a juventude como reserva da revolução, e se não se compreende a necessidade de ganhar a juventude, como tal, também não se rá preciso compreender seus problemas, suas peculiaridades e a necessidade de instrumentos especiais para ganhá-la para as posições revolucionárias».

Não é nada disso. Não negamos nem a revolução, nem a importância do trabalho com a juventude e nem deixamos de estudar as suas características e problemas. Somente achamos que a UJC não é o instrumento adequado para essas necessidades. Não compreendemos como pode o companheiro, para defender sua opinião. For-

(Conclui na 8ª página)



# Internacionalismo Proletário e Não Jôgo de Palavras

CARLOS MARIGHIELLA

Escrevendo sobre o meu artigo intitulado "A Carta de Prestes e o internacionalismo proletário", os camaradas Boris Nicolaewsky, João Batista de Lima e Silva e Quintino de Carvalho (Ver VOZ OPERÁRIA 401 e 405 e "Imprensa Popular" 21-157) focalizaram alguns aspectos da questão, partindo da minha afirmativa: "era inevitável que se cometessem os erros de que agora procuramos fazer autocritica". A frase foi tomada isoladamente do contexto do artigo, separada das formulações que a antecedem e das que a ela se seguem. Daí o camarada Batista apressou-se a comentar que o meu artigo "é uma tentativa de atenuar a gravidade de nossos erros chegando mesmo a considerá-los "inevitáveis". Nicolaewsky, por sua vez, refere-se a uma teoria da inevitabilidade dos erros, surgida, aliás de sua própria cabeça e a resume num terrão: "só não erra quem não age". Quintino vai mais longe e à inevitabilidade dos erros junta a "intangibilidade dos erros", para no fim discordar de que Marx ceda o lugar a Maomé.

O objetivo de todo este jôgo de palavras é demonstrar que os dirigentes do nosso Partido querem justificar a fuga à autocritica, a discussão corajosa dos erros. E, em particular, aludem a "deformação grosseira do internacionalismo proletário", que, segundo es citados camaradas, existiu no P.C.B.

Penso ter feito uma afirmativa justa quando falei dos erros. A dialética marxista nada permite analisar isoladamente ou de forma unilateral, fora da interrelação dos fenômenos, das condições de tempo e lugar. Antes de assinalar que era inevitável, que cometêssemos aqueles erros, referi-me ao desenvolvimento do nosso processo autocritico, reconhecendo os erros apontados no Projeto de Resolução do Comitê Central e aos quais se reporta o camarada Prestes em sua Carta.

Nosso Partido percorreu um longo e difícil caminho. Nas duras condições de ilegalidade e repressão policial, a que sempre esteve submetido desde que foi fundado, jamais deixou de existir e de lutar pelos interesses da classe operária e do povo brasileiro.

Sempre procuramos nos reger pela doutrina marxista-leninista. Desde porém, que inúmeros fatores atuaram como causa e efeito da não integração da verdade universal no marxismo-leninismo com a realidade brasileira, entre estas a inexistência de uma tradição marxista no país a influência não superada da ideologia pequeno-burguesa em nossas fileiras, a estagnação teórica provocada pelo culto à personalidade e outros fatores, como o afastamento das massas, inevitável era segundo acredito, que cometêssemos os erros em foco.

O principal, segundo afirmo em meu artigo, é que os erros cometidos não nos afastaram da linha geral da construção do Partido, não impediram no fundamental a educação dos militantes comunistas e da classe operária brasileira no sentido do internacionalismo proletário. Os imperialistas e seus agentes internos jamais conseguiram liquidar o Partido brasileiro. E não o conseguiram. Com isto quero manifestar o meu ponto de vista de que, confrontando os erros com os acertos, os erros ocupam o segundo lugar. Isto, entretanto, sem deixar de apontá-los e reconhecer-lhes a gravidade.

Não pode causar estranheza que haja erros inevitáveis. O editorial do "Jeminjipão" ("Diário do Povo"), de Pequim, de 5 de abril de 1956, intitulado "A experiência histórica da ditadura do proletariado", pergunta o seguinte:

"Existe, por acaso, em alguma obra clássica do marxismo a afirmativa de que nunca cometemos erros ou de que os comunistas estão completamente livres de erros? Porventura a crítica e a autocritica praticadas pelos Partidos Comunistas não indicam que nós, os marxistas-leninistas, sempre negamos a existência de "pessoas infalíveis" que nunca cometem erros mais ou menos sérios?" (Ver a VOZ OPERÁRIA, número 392, de 21-4-56).

O mesmo editorial prossegue, citando Le-

nin, em seu artigo intitulado "A respeito do 4º aniversário da Revolução de Outubro", quando diz:

"Deixai os cães e porcos da burguesia moribunda e da democracia pequeno-burguesa que a segue cobrir-nos de imprecisões, censuras e mofas pelos reveses e erros na construção do nosso regime soviético. Não esqueçamos um só minuto que entre nós os erros e reveses foram e são muitos. Como evitá-los na criação de um tipo sem precedentes de organização social, inteiramente novo em toda a história mundial! Lutaremos inflexivelmente pela correção de nossos erros e desacertos, pela melhoria na realização dos princípios soviéticos muito longe, ainda, da perfeição" (Obras escolhidas em espanhol, em 2 tomos, edições em línguas estrangeiras, Moscou, 1948, 2º tomo, pags. 941-942).

O editorial do "Jeminjipão" aqui referido, publicado na VOZ OPERÁRIA número 362 ainda acrescenta: "É impossível supor também que o indivíduo que inicialmente haja cometido alguns erros nunca mais cometa outros erros ou repita os que antes foram cometidos". Será que Lênin e os camaradas chineses cairam no "fatalismo místico" tão vergastado por Batista?

A idéia expressa pelo editorial do "Jeminjipão" a respeito dos erros é absolutamente científica, marxista, e vem repetida em vários lugares em outro editorial do mesmo "Jeminjipão", publicado na "Imprensa Popular", nas edições de 13, 15, 16, 17, 18 e 19 do mês de janeiro. Diz o "Jeminjipão" em "Novamente, sobre a experiência histórica da ditadura do proletariado": "Nenhum país jamais conseguiu livrar-se inteiramente de erros e falhas, embora em cada um deles os erros e falhas variem em forma e grau. Para a União Soviética sempre foi mais difícil evitar tais erros e falhas, por se tratar do primeiro país socialista, que não contou com a experiência positiva de outros para se orientar". (Ver "Imprensa Popular" de 13-1-57).

Em outra passagem, o editorial do "Jeminjipão" aqui citado diz o seguinte: "Nenhum sistema, embora excelente, pode evitar sérios erros em nosso trabalho" (Ver "Imprensa Popular" de 16-1-57).

E mais adiante: "Naturalmente, não é possível que os dirigentes do Partido Comunista e do Estado tenham uma visão completa da realidade. Isolados são sempre inevitáveis (o grifo é meu) os erros temporários e locais de seu trabalho." (Ver "Imprensa Popular" de 16-1-57).

Os camaradas Nicolaewsky, Batista e Quintino viram nessa questão dos erros um motivo para preocupações e o receio de uma volta ao passado. Mas a roda da história não anda para trás. Atribuo os temores infundados nos camaradas a que eles se esqueceram de que na teoria do conhecimento o erro não é mais do que um momento da verdade em vias de ser conhecida. Os camaradas chineses costumam dizer a esse respeito que a derrota é a mãe do êxito. O erro e a verdade estão longe de aparecer como pólos opostos, absolutamente isolados um do outro. É impossível que o homem possa refletir em sua consciência toda a realidade de uma só vez. A verdade é um processo sem fim. Lênin, em seus "Cadernos Filosóficos", ao tratar do problema do conhecimento da verdade, lembra que o caminho da ciência é semeado de erros. Não é por outro motivo que os comunistas aprendem dos próprios erros.

A autocritica é um momento do conhecimento da verdade, um critério para aferi-la, um aspecto dos mais importantes e imprescindíveis da prática. A autocritica existe e é necessária para corrigir os erros e fazer avançar o movimento revolucionário. Não creio que ela possa sair do terreno da ciência para entrar no sacrário da fé, apoiada no ato de contrição do arrependimento, como deseja Nicolaewsky.

Quanto aos nossos erros, não podemos esquecê-los um só minuto. A experiência da construção do Partido da classe operária no Brasil é inteiramente nova, Temos erros. Continuando, porém, na pesquisa de suas causas, tudo faremos para corrigi-los com a ajuda de todo o Partido.

O camarada Quintino formula uma hipótese inviável ao admitir, ainda que por absurdo, que ele "seria tão responsável pelo Manifesto de Agosto quanto o camarada Marighella, já que é impossível delimitar responsabilidades ante o inevitável, ante a fatalidade, da qual seríamos todos igualmente vítimas..." Pode tranquilizar-se o camarada Quintino. Basta ler a revista "Problemas" número 54, página 83 e seguinte, para ver que a direção do Partido assume inteira responsabilidade pelo Manifesto de agosto e dele faz autocritica, sem pretender responsabilizar qualquer militante. Falando dos erros do Manifesto de agosto, o camarada Prestes escreveu:

"A direção do Partido não assimilara, suficientemente, esses ensinamentos básicos do leninismo e por isso, ao formular em 1950 o programa do Manifesto de Agosto, não levou em consideração todas as características da revolução democrático-popular nos países coloniais e dependentes, revolução antilimpialista e antifeudal".

Os três camaradas de cujos artigos me ocupo consideram necessário restabelecer o internacionalismo proletário, livre — segundo afirmam — das deformações nele introduzidas. Nicolaewsky diz que erramos no caso da Iugoslávia, para mostrar que foi falsa nossa posição em matéria de internacionalismo proletário. Sim, reconheço que erramos no caso da Iugoslávia, mas onde é que isto invalida nossa posição de conjunto em face ao internacionalismo proletário? Um erro parcial e temporário inutiliza o acerto do todo, a posição fundamental? A União Soviética cometeu um erro no caso da Iugoslávia. Será que isto nega a posição internacionalista proletária da URSS? Absolutamente não, ainda que existissem outros erros.

Nas condições atuais, o internacionalismo proletário pressupõe a firme solidariedade e o apoio ativo à União Soviética e demais países do campo socialista, bem como aos povos em luta pela sua liberdade, além da completa igualdade, respeito à integridade territorial, independência estatal, soberania e não interferência nos negócios internos, ampla utilização da crítica mútua e fraternal. Batista diz-se partidário desses princípios e por isso, segundo pensa, rebela-se contra o conceito de nação «dirigente». De outro modo, conforme deduz, haverá «nações dirigidas». Considera Batista que eu defendo essa tese apoiado no conceito de "grande potência". Acentua também que na minha opinião deve haver obrigatoriamente subordinação dos Estados mais fracos e menos experimentados à URSS e ao PCUS. Quem ler meu artigo não encontrará essa afirmativa. Ela só existe no pensamento de Batista, que a transferiu subjetivamente para mim.

O curioso, porém, é Batista tentar fazer confusão com o conceito de «grande potência». Uma coisa é uma grande potência como os Estados Unidos, nação opressora, potência imperialista. Outra coisa é uma grande potência socialista como a União Soviética, que não oprime ninguém. Pelo contrário, apoia firmemente os movimentos pela independência dos povos oprimidos. Ou será que Batista não reconhece uma grande potência num país como a URSS, que é o segundo do mundo no volume de produção industrial e conta com um desenvolvimento científico e técnico excepcionalmente elevado?

Repetindo a Lenin, acrescenta Batista que a situação de «grande potência» não dá a um Estado socialista o direito de subordinar e, portanto, dirigir outros Estados socialistas. O que lhe compete — prossegue Batista — é compensar a desigualdade material, fazer concessões e ajudar praticamente as nações mais fracas. Eu pergunto a Batista o que é que tem feito a União Soviética senão exatamente dar essa ajuda? Que país senão a União Soviética construiu na Índia (um país não socialista), concedendo-lhe crédito tão vantajoso, uma grande usina siderúrgica, de maior capacidade e mais moderna que a de Volta Redonda?

Toda a argumentação de Batista é para obscurecer o papel da URSS como centro do movimento comunista mundial. O interessante, porém, é que, depois do combate cerrado feito por ele ao que ele mesmo chama de conceito de «nação dirigente», «partido dirigente» e «grande potência», acaba reconhecendo a existência de uma nação socialista que se destaca das outras. E' o que está dito com suas próprias palavras, transcritas a seguir: «Isto não significa, evidentemente, negar a necessidade de que os demais Estados socialistas e os partidos comunistas procurem um apoio mútuo não somente entre eles, em seu conjunto, mas também no principal país do sistema socialista» (o grifo é meu). O camarada Batista não diz com todas as letras que este país é a União Soviética, mas é evidente que não se trata de outro.

Juntamos isto ao fato de que ele reconhece a existência de Estados mais fracos e partidos menos experimentados e vejamos se não é mesmo ridículo o jôgo de palavras com que tenta encobrir o papel da URSS como centro do movimento comunista mundial.

«A União Soviética é o centro do movimento comunista internacional», diz o editorial do "Jeminjipão" intitulado "Novamente, sobre a experiência histórica da ditadura do proletariado". E acrescenta: «Isto não é o resultado de uma decisão arbitrária de quem quer que seja, mas a consequência natural de condições históricas». Mais adiante o mesmo editorial afirma: «devemos continuar for-

talecendo cada vez mais a solidariedade proletária internacional para com a União Soviética, como o seu centro». (Ver "Imprensa Popular" de 18-1-1957).

Batista nega, porém, que o nosso apoio deva ser dado em primeiro lugar à União Soviética, para não sermos esquemáticos, segundo diz. Já no projeto de teses para o VIII Congresso do Partido Comunista Italiano, há uma preocupação em colocar o PCUS em primeiro lugar. Diz aquele documento: «O P.C.I. continuará a cultivar as melhores relações com todos os Partidos Comunistas e, em primeiro lugar, com o Partido Comunista da União Soviética, de acordo com os princípios acima indicados». (VOZ OPERÁRIA n. 395 de 8-12-1956).

Nicolaewsky, antes de Batista, já havia manifestado suas reservas à URSS e ao PCUS, ao afirmar: «A nossa fidelidade sem limites» é ao internacionalismo proletário — como disse Prestes em sua carta ao C.C. — e não ao PC deste ou daquele país». Entretanto o pensamento completo do camarada Prestes não é o que Nicolaewsky reproduz de maneira truncada e sim o seguinte: «Reafirmamos com orgulho — como assinala o Projeto de Resolução — nossa tradição de fidelidade ao internacionalismo proletário, de apoio firme e ativo à União Soviética e demais países do campo socialista. Reconhecemos no Partido Comunista da União Soviética o primeiro Partido que dirigiu a construção do socialismo e dirige a construção do comunismo».

Afirma o camarada Batista «que o camarada Marighella, pensando defender o internacionalismo proletário (com o qual todos estamos de acordo, pelo menos os que continuamos comunistas), procura, na verdade, manter-nos em posições do passado que nos levariam a erros graves e prejudiciais a todo o movimento operário revolucionário».

Quem melhor do que ninguém pode mostrar que o camarada Batista está errado nessa apreciação que ele faz do meu artigo é exatamente o camarada Nicolaewsky. Em seu artigo, Nicolaewsky mostra que tentou praticar o internacionalismo proletário de forma toda particular inteiramente nova, «criticando — (as palavras são suas) — a intervenção de tropas soviéticas nos acontecimentos da Hungria, na certeza de que ela, além de injusta, era inábil». O resultado nós o conhecemos e ele também, ao confessar o erro em que incorreu.

Os partidos comunistas e operários de todo o mundo foram unânimes em face dos acontecimentos da Hungria e no apoio à justa atitude internacionalista da União Soviética. Será que esses partidos voltaram ao «passado»?

Para não ficar nas posições do passado e evitar, assim, erros graves, como aconselha Batista, o camarada Nicolaewsky acabou caindo num erro grosseiro, violando o internacionalismo proletário. Pensando em Batista, Nicolaewsky deve agora estar repetindo consigo mesmo o velho provérbio: «Os meus conselhos são bons para os outros».

O artigo de Ernesto Luís Maia, intitulado «O direito inalienável do povo húngaro» ("Imprensa Popular", 28-10-56) é outro exemplo de violação do internacionalismo proletário. Naturalmente cuidadoso de não voltar ao passado, preferiu Ernesto Luís Maia comparar falsamente a União Soviética com as nações imperialistas opressoras, chamou-a de «gendarme», classificou sua justa ação na Hungria de «ilegítima», «impolítica», etc., afirmando sobre os acontecimentos naquele país que de nenhum modo «se trata de uma «contra-revolução», embora elementos contra-revolucionários busquem tirar de tudo o melhor partido». Os fatos provaram o erro de Ernesto Luís Maia e puseram a nu a sua hostilidade para com a gloriosa União Soviética.

O internacionalista de fato se vê nos momentos difíceis, quando o internacionalismo deve ser praticado. Os comunistas se educam e educam toda a classe operária no amor à União Soviética. Isto não quer dizer que não possamos criticar ou abdicarmos desse direito. Mas um comunista não pode ver a União Soviética com reservas ou hostilidade. No caso da Hungria, alguns camaradas tentaram em vão desacreditar a União Soviética e lançar a desconfiança nas medidas revolucionárias adotadas pelos comunistas húngaros, em que pesem os erros por eles cometidos.

Não é difícil ajuizar de que lado está a verdade. O princípio fundamental da dialética é que não há verdades abstratas, a verdade é sempre concreta. O internacionalismo proletário só pode ser encarado do ponto de vista concreto, de classe. Com o internacionalismo proletário não se pode fazer jôgo de palavras.

(Transcrito da I.P. do dia 10 de março de 1957.)



# Observações Sobre a Segunda Conferência Nacional da UJC

Congratulo-me, primeiramente, com os camaradas que através de nossa imprensa e nos debates partidários saudam a volta ao provado método leninista da direção coletiva e a prática da ampla democracia interna, sem que isso signifique cairmos nos debates estérteis, tipo parlamentar burguês, ou nos leve à quebra do princípio do centralismo democrático, porque nossos erros não são erros de princípio, porém de quebra desses princípios, de concepções falsas e errôneas em relação aos mesmos, enfim de suas violações.

Devemos debater nossos pontos de vista, visando sempre a melhorar a atividade prática de nosso Partido. Melhorar nossas ligações com as massas. Defender o marxismo-leninismo, quando o inimigo desencadeia tremenda campanha ideológica contra o movimento comunista, procurando sempre unir em torno de problemas concretos nosso povo em sua luta na defesa das liberdades democráticas, da libertação nacional e das conquistas econômicas, sociais e políticas dos trabalhadores.

Neste sentido, façamos sempre o uso da arma poderosa da crítica e da autocritica, partindo do princípio de que nós, comunistas, cometemos erros e que somente a revelação dos mesmos nos pode fazê-los corrigir e fazer avançar o movimento revolucionário em nosso país e no mundo. É nosso dever garantir sempre a unidade partidária.

Reconhecemos todos, hoje, o atraso da discussão que travamos, pois a necessidade dos debates do culto à personalidade e suas consequências em nosso Partido era imprescindível. A causa do atraso, creio, será determinada. Não era mais possível que o Partido permanecesse na situação em que se encontrava numa fase de falta de entusiasmo e de ação. Julgo que todos nós sentimos este estado de coisas e o próprio Comitê Central perdeu o controle sobre o Partido e deixou, muitas vezes, de viver politicamente frente aos acontecimentos. É nosso dever aprofundar suas causas. É por isso que saudamos os debates travados em todo o Partido e a resolução do Comitê Central, um documento de novo tipo, cujo mérito principal foi o de orientar esses debates e ampliar as discussões e o estudo dos diversos problemas, uma vez que não se aprofunda nas mais importantes questões programáticas e orgânicas, representando tão somente uma síntese de situações, causas e efeitos. O que é necessário, e estou certo será feito, é uma análise profunda de toda a atividade do Partido. E isso não será feito dentro de uma pressa sem limites, tendência apresentada por muitos camaradas nos debates e nas reuniões partidárias.

Os dirigentes mais responsáveis irão manifestar-se, não ficarão à margem da discussão e saberão fazer sua autocritica.

Todos nós, uns em maior outros em menor escala, erramos. Devemos ter a coragem de criticar e fazer nossa autocritica, individual e como coletivo partidário. Para isso, é necessário que cada organismo e cada comunista se proponha, realmente, a estudar em profundidade o projeto de Resolução do Comitê Central.

Os debates visam, no meu entender, a elevar o Partido e todo o movimento revolucionário brasileiro, a uma fase superior do seu desenvolvimento, a encontrarmos o nosso caminho «o caminho brasileiro» para o socialismo, como afirma o camarada Prestes. Preparemos-nos, pois, para a realização do V Congresso.

Naturalmente não iremos corrigir nossas falsas posições políticas, nossas concepções errôneas, nossa fraqueza ideológica e nossos métodos de organização e de trabalho, de uma só vez, como se bastasse uma reunião, um artigo na imprensa, ou, até mesmo, uma resolução do Comitê Central e tudo tivesse sido modificado. Será somente através de uma luta política e ideológica, perseverante e inflexível nas fileiras do Partido, que eliminaremos as consequências do culto à personalidade, que avançaremos para uma fase superior do movimento revolucionário brasileiro.

As mais diversas tendências e manifestações contrárias ao marxismo-leninismo se apresentarão e já começaram a manifestar-se. Individualmente devemos nos preparar cada dia melhor para podermos travar esta batalha nas fileiras do Partido, sem a qual não avançaremos. Por isso devemos contribuir com o melhor de nossos esforços para ajudar o debate, para ajudar as direções a corrigirem seus erros. Que nenhum dirigente do Partido fique sem participar dos mesmos, que todos os dirigentes dos Comitês Regionais se pronunciem, que os militantes de base sigam o mesmo caminho. A discussão do projeto de resolução do C.C. que atinja a todo o Partido.

Penso que a melhor maneira de contribuirmos para a superação do velho — do que precisa ser eliminado — é garantindo a unidade do Partido e levando em conta sua situação de ilegalidade, levantarmos sem receio a crítica aos mais diversos setores de nossas atividades, sistematizando os erros e as experiências positivas. Isso será feito no sentido de ajudar, pois não creio que, como alguns camaradas pretendem fazer sentir, se trave no Partido uma luta pessoal pela direção de organismos. Se tal luta existir e for constatada, devemos combater essa tendência perigosa. Nossa luta não é uma luta contra os homens, e sim uma luta por sua educação. De nada adiantará a luta estéril contra os homens, a sua simples substituição desta ou daquela posição responsável, apesar de erros que tenham cometido. Não se pretenda transplantar para o nosso país mecânicamente fórmulas aplicadas no movimento revolucionário em outros países.

Erros quem os não cometeu? E não se tornou responsável?

No sentido de ajudar as direções, devemos nos propor a realizar em todos os escalões do Partido, um trabalho mais coletivo. Não podemos também ficar somente em palavras. É necessária a ação. Que cada comunista, individualmente, e cada organismo partidário passe a conhecer a situação concreta da jurisdição em que atua. Isto significa conhecer a verdadeira situação econômica, política e social de cada município, de cada região, viver os problemas da empresa em que se

## Carta Aberta à C.N. da U.J.C.

JAIR DE OLIVEIRA

— II —

atua, da usina, do bairro ou da fazenda. Analisar os interesses e as posições de cada classe e camada social. Conhecer os políticos, suas posições; a composição de cada partido; as contradições entre os partidos políticos e seus grupos. Mas, principalmente, conhecer o verdadeiro espírito das massas, como elas pensam, o que desejam e sentem. Isto quer dizer: viver a vida politicamente, passar os à ação política direta em cada município. Só assim, estaremos em condições de, à base de tática geral do Partido traçar nossa tática em cada região, em cada zona ou município. Só assim teremos condições de ampliar nossas ligações com as massas, vivermos os seus menores problemas e dirigilas. Para tanto, é fundamental combatermos o sectarismo, o espírito de secta, passar cada comunista a atuar em seu organismo de massa, servindo às massas e compreendendo que a revolução não será jamais feita pela vanguarda, porém pelas massas de milhões, sob a direção do proletariado.

Por sua vez, que o Comitê Central e, particularmente, o Presidium passe a ter mais confiança nos organismos intermediários e os consulte mais amiúde sobre os diversos problemas que se apresentam ao Comitê Central. Isto significa maior aproximação entre dirigentes e dirigidos.

### A REALIZAÇÃO DO VIGÉSIMO CONGRESSO

A realização do vigésimo Congresso do P.C.U.S. foi de enorme importância para o movimento revolucionário mundial e, consequentemente, para o movimento revolucionário brasileiro.

Questões de profundo conteúdo teórico foram levantadas no XX Congresso e colocadas para o estudo e para a análise de todos os Partidos Comunistas do mundo;

1º) — A coexistência pacífica entre os dois sistemas;

2º) — a inevitabilidade das guerras;

3º) — as formas de transição dos diferentes países para o socialismo;

4º) — o desmoronamento do sistema colonial;

5º) — o agravamento das contradições do sistema capitalista e a inevitabilidade das convulsões econômicas e sociais desse sistema.

Todas estas questões exigem estudo. Devemos reconhecer que, em nosso Partido, o conteúdo profundo dos materiais do XX Congresso foi subestimado pelo Comitê Central e, particularmente, por nós, em nosso Comitê Regional. Só agora começamos a nos aperceber de seu alcance.

Uma pergunta surge a cada momento e muitos camaradas não sabem como respondê-la: Haverá uma terceira guerra mundial?

Nós, comunistas, devemos levar em consideração as históricas mudanças que se produziram no mundo nestes últimos anos. Sabemos que existe uma tese marxista que afirma: «Enquanto existir imperialismo, as guerras são inevitáveis». Esta tese foi elabo-

rada numa época histórica em que o imperialismo era: 1) um sistema mundial único e dominante; 2) as forças sociais e políticas contra a guerra eram fracas, não tinham suficiente organização e, por isso, não podiam impedir os imperialistas de levarem a humanidade à guerra. Hoje, não podemos analisar a questão de guerra e paz somente sob o seu aspecto econômico. Sabemos que a guerra não é somente um fenômeno econômico, apesar de ele ser a sua base, isso o reconhecemos. A guerra depende, grandemente, da correlação de forças de classe, das forças políticas em cada país, do grau de sua organização e da vontade consciente dos homens. Por isso, compreendemos que, em determinadas condições, a luta das forças sociais e políticas avançadas pode desempenhar um papel importante nesta questão.

Esta aí o exemplo da luta do povo egípcio. Os imperialistas anglo-franceses no Egito, e o imperialismo norte-americano, por outro lado, na Hungria, tentaram passos no caminho para a deflagração da guerra mundial. Pretendiam alimentar esses focos de guerra.

Mas nem no Egito onde foram expulsas as forças anglo-francesas, pela ação consciente dos povos de todo o mundo, nem na Hungria, onde a contra-revolução foi esmagada com a ajuda da União Soviética, o imperialismo conseguiu alcançar seu objetivo: levar a humanidade à guerra.

E o imperialismo, no seu conjunto, salu enfraquecido, uma vez que perdeu posições e despertou os povos árabes para uma luta mais consequente por sua libertação do domínio colonialista.

Devemos encarar que a tese acima mencionada, para o seu tempo, era absolutamente justa, porém hoje a situação se modificou frente aos seguintes fatos:

1) surgiu o campo do socialismo que se converteu numa força poderosa; as forças pacíficas e os povos que lutam por sua libertação têm, na existência do campo socialista, o apoio moral e uma base material para impedir a agressão e facilitar-lhes o desenvolvimento independente, a sua autodeterminação;

2) um numeroso grupo de estados, com uma população de mais de 500 milhões de habitantes se pronuncia firmemente contra a guerra e proclama a sua não participação em blocos militares fechados;

3) atualmente, o movimento operário, nos países capitalistas, passou a ser uma grande força, cada vez mais consciente, ativa e vigorosa.

4) surgiu, no pós-guerra, e transformou-se num poderoso fator o movimento dos partidários da paz, dele participando amplas massas populares.

Assim, permanece em vigor, certamente, a tese leninista da base econômica das guerras, «mas as guerras não são fatalmente inevitáveis».

É necessário que todas as forças inimigas da guerra estejam vigilantes e mobilizadas, que atuem em frente única e não diminuam seus esforços na luta pela manutenção da paz.

Particularmente, no momento em que o imperialismo norte-americano pretende iniciar uma nova fase em sua política de guerra fria, quando já se vislumbram os primeiros grandes sintomas de uma profunda crise econômica nos Estados Unidos e quando atingem maiores proporções as contradições entre os países capitalistas — Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha Ocidental, Japão e Itália — e ao mesmo tempo avança e toma amplitude sem precedentes a luta de libertação dos povos coloniais e dependentes, é necessário levar ao mais alto grau a ação dos partidários da paz, a mobilização das massas populares em todos os países contra a guerra.

Para nós, brasileiros, é particularmente importante a análise e o estudo mais profundo desta questão, intima-

mente ligada à nossa luta de libertação nacional.

Quando o imperialismo norte-americano, o mais forte e agressivo, servindo-se de agravamento momentâneo da situação internacional e apoiando-se em seus «agentes internos», pressiona o governo e consegue que o Presidente Juscelino Kubitschek, traído o povo brasileiro e seus compromissos eleitorais, enviasse para a perigosa política «dos blocos militares fechados e agressivos» e passasse ao atentado direto à soberania nacional, entregando a ilha de Fernando de Noronha, nós, brasileiros, devemos fazer sentir que não estamos dispostos a tirar as castanhas ardentes das mãos do imperialismo norte-americano.

Mobilizemos a vontade consciente do povo brasileiro contra a entrega de Fernando de Noronha, mobilizando o nosso povo contra a guerra e pela paz. A principal questão que se apresenta aos povos de todo o mundo é conjurar uma nova guerra. Esta questão não pode ser subestimada. Nesse sentido, nós, comunistas, temos particular responsabilidade. Devemos condenar abertamente e sistematicamente a política suicida iniciada pelo presidente da República; alertar o povo de suas consequências, compreendendo, ao mesmo tempo, que a guerra fria é um meio de que o imperialismo se serve para justificar sua expansão, intimidar as massas, exigir novas concessões, dividir os povos da América Latina, quebrar o movimento patriótico e democrático em ascensão em nosso país, assegurar nossa dependência econômica e manter sua indústria de guerra em alto nível de produção, como salda para a crise econômica à vista.

Tenhamos confiança no povo brasileiro. O que se exige é a mais ampla ação de nossa parte, em frente única com todos os patriotas e partidários da paz. O sentimento patriótico e pacífico de nosso povo despertará mais facilmente do que possam imaginar os autores de guerra seus agentes internos, medida em que as massas forem tomando conhecimento dos fatos. Nosso povo sabe julgar os traidores.

## O Prato Feito e a Salada Mixta

ELIAS SOARES

venho trazer minha modesta contribuição, como favelado, a esse luminoso debate que se trava nas colunas desse querido semanário.

Temos fortes motivos para nos orgulhar da provada direção desse grande Partido, porém isso só é possível porque não é determinado homem ou indivíduo que nos une e sim a doutrina marxista-leninista, baseada no internacionalismo proletário. O nosso Partido não deve nunca ser chamado de partido de fulano ou de cicrano, porque ele é do povo e da classe operária. Muitas vezes determinados chefes têm tentado cindir o movimento operário mundial e se esborracham contra a unidade operária das bases; e quem consegue esses fenômenos — os indivíduos ou o marxismo-leninismo.

Em que situação ficaram os que um dia chamaram ao partido operário húngaro, partido de Rakosi, Geroe ou de Nagy quando o tempo provou que eles deturparam o marxismo-leninismo? O PCB se ufana com justa razão de ter o camarada Pres-

tes em sua direção, mas o camarada Prestes também se orgulha de ter a seu lado camaradas como Grabois, Aruda, Marighela e os demais membros do CC. Do contrário, os erros teriam sido maiores e os acertos menores.

Tenho certeza de que os camaradas honestos que quiseram trocar o prato feito pela salada mixta acabaram compreendendo que uma coisa ou outra só terá sabor quando for temperada por todos, para não se chocar com a variedade de paladares. Pois o tempo dos pratos dos imperialistas não serve aos pratos feitos e marmidas da classe operária.

Uma vez eu trabalhei na «Voz Operária», ganhando 200 cruzeiros por semana e vi a abnegação dos camaradas que li trabalhavam — intelectuais passando privações e recordando os tempos em que trabalhavam nos «Globos», ganhando dezenas de contos. Realmente, é duro, alguns não aguentam, como eu. Outros saem queixosos, porém outros

Fala-se de uma pretensa de união, mas o PCB está cada vez mais coeso e os agentes e inimigo desmascarados e expulsos, graças à vigilância revolucionária do Partido.

Glória eterna ao grande Partido da classe operária o Partido Comunista Brasil.



# ELABOREMOS A RESOLUÇÃO

A MAIS GRAVE CONSEQUÊNCIA DO CULTO À PERSONALIDADE EM NOSSO PAÍS

RAIMUNDO SCHAUN

Considero o nosso movimento um dos mais influenciados pelo culto à personalidade.

De um lado a origem tenentista e caudillesca de uma arraigada formação stalinista de outros membros do C. C., oriundos, particularmente, da intelectualidade pequeno-burguesa. De outro lado a composição pouco proletária do PCB e a tradição de seguir o «caudilho» que predominava em nosso povo e em todos os povos latino-americanos. Eis um campo fértil para se desenvolver o culto à personalidade de Stálin, suas formas nacionais e todas as suas relações arbitrárias e subjetivas delas decorrentes.

Durante decênios o movimento revolucionário brasileiro vem se desenvolvendo deformado, asfixiado dentro do esquema de ferro criado pelo culto à personalidade. Em vez de trabalhar a realidade brasileira em toda a sua profundidade complexa o PCB foi, na prática, durante anos, um Partido de campanhas, de festas de aniversário, um partido de heróis dos «bichinhos» com a polícia, de lutas arrancadas a gancho, de palavras-de-ordem impostas.

Ainda pretendo tratar das consequências do culto à personalidade no trabalho com as massas, nos métodos de direção e muitos outros aspectos de nossa multiforme atividade. Quero aqui, entretanto, encerrar o que considero a consequência mais grave desse culto ao herói: o transformar a massa de quadros dedicados e capazes em simples pedras no tabuleiro de quadros; o inteiro desprezo pelas aspirações de cada revolucionário; a subestimação da capacidade dos quadros contribuírem teoricamente; enfim: O MONOPÓLIO DE PENSAR por um ínfimo grupo de dirigentes e a redução da massa de quadros e militantes a meros repetidores das «verdades eternas» formuladas pela minoria, que, em nome do materialismo dialético, orientava o nosso movimento pelo subjetivismo de uma concepção idealista da história.

A «teoria» do «aparato» de uma grande máquina substituiu o verdadeiro papel de cada revolucionário no seio do movimento. A exigência de ser «modesto», não ser «auto-suficiente», jugulava os militantes à rotina, à mediocridade, ao «sacrifício de suas energias criadoras».

Não me sai da cabeça quando, repelindo uma especulação ousada sobre um documento, disseram-me esta estupidez: «Trate de trabalhar. Pensar é para a direção!» (!) E direção era apenas o secretariado ou uma parte dele.

Mais de uma vez manifestei, coletivamente, a preocupação contra o fato de que éramos todos, os que preparamos a vida à causa do povo, colocados dentro de um absurdo sistema de relações partidárias, que impedia o desenvolvimento de nossas aspirações revolucionárias, a contribuição mais séria no terreno teórico, a realização plena da capacidade de cada um de nós ser útil ao povo. Uma arbitrária e subjetiva política de quadros.

Todo um sistema de bitolar o pensamento, de constrição a personalidade, de construir o «homem plural».

Assim, aos poucos, fossilizavam-se os cérebros dentro de esquemas, slogans e lugares-comuns. Quadros que deram a vida à revolução iam se rotinizando, se burocratizando, perdendo o «eu» mantendo um «eu» artificial, a óleo canforado, de herói de campanhas, de herói de viradas, ou de admirado herói «pé de bot» ou das brigas com a polícia. Uns, sofriam com a pertinaz oposição ao seu pensamento honesto, feneciam... desencantavam. Outros, cansando, perdendo o interesse, apesar de dedicados e capazes, entravam num processo de desfilamento. Outros ainda, revoltados com o desconhecimento de que o homem é humano, com tanto achincalhe à personalidade de cada um, afastavam-se desiludidos. Assim, quanta gente se perdeu... Quanta gente abandonou de pensar para não criar problemas. Forjou-se assim a legião imensa dos praticistas «levados a executar passivamente as resoluções para as quais não contribuíram, tomadas independentemente de sua opinião, sem que tenham tomado conhecimento das questões». Generalizou-se na política de quadros a tendência a promover os homens «operativos», capazes de executar prontamente as ordens recebidas «de cima».

Aqui, em resumo o que considero o mais grave prejuízo do culto à personalidade para o nosso movimento: paralisou o pensamento marxista, impediu o florescimento do esforço, criador de milhares para compreender a realidade, elaborar nossa política e desenvolver a teoria. Entre os revolucionários foi estabelecido o decreto: E' PROIBIDO PENSAR.

## III — O CULTO À PERSONALIDADE E SUA INFLUÊNCIA NEFASTA NAS DISCUSSÕES DO IV CONGRESSO

Frente à pujança da discussão que apenas se inicia podemos dizer que em torno do IV Congresso do PCB houve apenas um arremedo de discussão, de liberdade de opinar e direito de influir.

A Comissão responsável pela elaboração do projeto de Programa levou o resultado do seu trabalho a ser adotado pelo CC como documento básico do Partido até a realização do Congresso. Desta maneira impediu, na prática, que se discutisse o mesmo. Aos dirigentes cabia defender o «projeto» do CC que ao mesmo tempo vigorava como Programa. Isso deveriam fazer, obrigatoriamente, mesmo que não estivessem de acordo com esse «projeto».

Frente a qualquer tentativa de crítica ou especulação ao «projeto» de Programa, os «mais responsáveis» reagiam violenta e sutilmente, guiados pelo exemplo negativo de auto-suficiência e arrogância dado pela Comissão elaboradora do «projeto». Ora, eu levei 4 anos a estudar isso, e vem um pretensioso, que só agora tomou conhecimento dessas questões, a querer contradizer-me(!)

Valiosas contribuições foram «esmagadas» pelos «mais responsáveis» na defesa dos «projetos em discussão».

A vida foi superando tese sobre tese e só agora que vimos. E felizmente vimos.

Assim, as discussões do IV Congresso, apenas tocaram como uma brisa o nosso movimento, não o acordaram. Só agora podemos acordá-lo do sono entorpecido pelo culto à personalidade.

## IV — QUESTÕES SOBRE O PROGRAMA E O ESQUEMA ESTRATÉGICO

Desde o primeiro dia em que tomei conhecimento do projeto de programa tive dúvidas sobre a justiça do esquema estratégico. Não sustentei a minha opinião nas discussões posteriores por me achar desarmado teoricamente para tal. Mas não compreendia e não compreendo porque a direção do golpe principal não é contra o próprio imperialismo nor-

te-americanismo porém contra os nacional-reformistas que disputam conosco a liderança do movimento de libertação nacional como importantes aliados. Reforcei esta minha dúvida, ultimamente, ao estudar a crítica do CC do P.C. da China sobre a contribuição de Stálin à teoria da revolução chinesa.

Não estará a vida a nos dizer que esse esquema estratégico não vai sendo nem deve ser aplicado? Não constitui esse esquema um entrave para unidade de ação com os setores da burguesia antilimpialista?

Por outro lado a nossa posição frente aos latifundiários e a burguesia exportadora que quer vender melhor os seus produtos, não está em contradição com os documentos?

E' justo, no momento internacional em que vivemos, ficar amarrados àquelas formulações do Programa, baseadas numa entrevista de Stálin, sobre a identidade de interesses dos imperialistas ianques e dos latifundiários brasileiros na política guerrilha? As cogitações de ganhar dinheiro com a guerra dos grandes trustes guerreiros, estão nas cabeças dos latifundiários brasileiros? Ou o que está em suas cabeças, é vender melhor o seu produto, sem nenhuma cogitação de guerra?

Também a realidade não estará nos mostrando que a luta antilimpialista do povo brasileiro envolve, no momento, muito mais camadas e classes que as estabelecidas para a f. d. l. n. e que, por isso é possível uma ou mais etapas do movimento revolucionário antes do estabelecimento de um regime de democracia popular? Não estará a realidade nos mostrando que a etapa antilimpialista, no Brasil, não coincide exatamente, com a etapa antifeudal, e que em vez de coincidentes elas serão consecutivas embora se interpendam?

Por outro lado acontecimentos como os do dia 11 de novembro e a denúncia do Acórdo Atômico não abrem a possibilidade da etapa intermediária de um governo antilimpialista sem a hegemonia e mesmo sem a participação da classe operária, como no Egito e na Índia?

## ESTABELEÇER REAIS CONDIÇÕES PARA OS QUADROS ESTUDAREM SÉRIAMENTE

Todas essas questões levantadas e muitas outras que

já foram e serão formuladas no curso do debate exigem seriedade, senso de responsabilidade no estudo; exigem ponderação, meditação.

Condenando a tendência de «parar para acertar»; condenando o «rato de biblioteca»; defendendo o princípio de TRABALHAR E ESTUDAR, é preciso entretanto reconhecer que, na prática se tira dos quadros quase todas as possibilidades reais de estudar seriamente.

Esse culto do praticismo que medra entre nós é um erro que deve ser reparado rapidamente. Levar a vida toda em «ritmo de campanha», não ter tempo nem para comer, nem para dormir, nem para se tratar é um heroísmo de mártir que nos desliga da vida e arruína os quadros. Torna-se o movimento revolucionário num ambiente impossível para se estudar e criar, numa ação em que só se medem os homens pela capacidade de andar, de reunir, de brigar, de obedecer incondicionalmente.

Essa teoria de que 1 ou 2 horas de estudo por dia, resolve, é uma conversão irresponsável. O individualismo e o sectarismo leva os militantes a arrebataram das massas as tarefas e colocar nas mãos de meia dúzia que quer abarcar o mundo com os braços. «A revolução só será vitoriosa como obra de milhões, como obra de todo o povo». E' preciso organizar a ação prática de modo a dar aos militantes, particularmente à massa de quadros, tempo bastante para estudar e produzir com seriedade.

E' necessário cercar os que querem estudar de todas as condições para produzirem, e estimular o estudo numa massa cada vez maior de militantes. A promoção de centros de debates, seminários, viagens de estudo, correspondência entre os que estudam, publicações de trabalhos. Não fazer de nossa revista teórica uma mera compilação de estudos de partidos irmãos ou reprodução de documentos do CC do PCB.

Essas algumas das condições que, na minha opinião, ajudariam bastante a um florescimento ainda maior da responsabilidade política e teórica de uma grande massa de militantes, fortalecendo a unidade do partido, elevando sua qualidade e prevenindo contra os possíveis desvios e deformações.

Essa a minha opinião sobre algumas das questões que julgo importante para a resolução que ora elaboramos.

## S O B R E A U. J. C.

ou fracassa ou se estagna.

Existem problemas gerais da juventude brasileira, mas, falta uma consciência coletiva dos problemas e o sentimento comum da necessidade de lutar para conquistar reivindicações. Assim, afirmamos que devemos unir e organizar a juventude dentro de suas classes e camadas sociais, e não como uma só força à parte.

O movimento estudantil se diferencia pelas características próprias e constitui um verdadeiro movimento definido e organizado. Os estudantes têm consciência de suas reivindicações específicas e também participam com grande apelo nas lutas populares, democráticas e patrióticas.

Alguns problemas da UJC.

Nos 6 anos de existência, a UJC procurou cumprir o seu papel. Participou da campanha de coletas de assinaturas pela Paz; fez comparecer delegações brasileiras em festivais internacionais; procurou iniciar trabalho de massas com os jovens, levando-os para organizações, como por exemplo, sindicatos; contribuiu para a formação e educação de jovens comunistas.

Apesar desse esforço, no fundamental, a U. J. C. não conseguiu cumprir os seus objetivos. E' hoje numericamente pequena, sectária e isolada das massas. De uma forma geral, não passou de departamento juvenil da agitação e propaganda do Partido.

Achamos que o erro fundamental foi a sua reconstituição em 1950, fora da realidade brasileira, e sob o influxo do «Manifesto de Agostinho», se transformando em organização de choque a serviço das tarefas do Partido. O Partido, partiu subjetivamente da necessidade da UJC para a juventude, e não objetivamente da exigência da realidade da juventude para a U. J. C. Copiou modelos de países que se encontram em etapas de desenvolvimento diferentes em relação ao Brasil.

Não se conhece no mundo inteiro, experiências de organizações juvenis de mas-

entre os jovens. Aliás, não é a primeira vez que o Partido aplica essa medida.

Os caminhos para o trabalho entre os jovens:

- Conhecer a realidade da juventude. Estudar as peculiaridades da localidade, região, empresa, fazenda, escola, ofício ou categoria social. Somente criar organizações de massa que respondam de fato à uma exigência, a uma necessidade.
- Considerar o movimento estudantil como ponto de concentração do trabalho juvenil. Se eles não forem influenciados pelo proletariado, serão dirigidos sob influência da ideologia pequeno-burguesa.
- Substituir o trabalho juvenil de tipo geral, como vinha sendo realizado até hoje, por um trabalho diferenciado de caráter esportivo, cultural e recreativo.

Os objetivos imediatos do Partido entre as massas juvenis devem ser os seguintes:

- Despertar na massa a consciência das suas aspirações e problemas, estimulando-a a lutar para resolvê-los.
- Contribuir para a participação juvenil na luta democrática e patriótica de todo o povo.
- Contribuir para o fortalecimento da unidade e da organização do movimento estudantil, na defesa de seus interesses, pela democracia e emancipação nacional.
- Contribuir para desenvolver nos jovens brasileiros a amizade com os jovens de todos os países e o espírito de solidariedade internacional.
- Reforçar as relações do Partido com as massas juvenis, pelo aumento da participação dos comunistas nas organizações juvenis, pelo recrutamento dos jovens, pela difusão do marxismo-leninismo.

Entregamos ao CC do Partido a decisão final sobre os destinos da U. J. C.

Esses são alguns problemas que devem ser estudados e debatidos por todos os militantes do Partido e da UJC para podermos melhor contribuir para o êxito da nossa luta.

Em conclusão, afirmamos que essas debilidades da U. J. C., não podem ser eliminadas com paliativos, como mudança de nome ou de método de trabalho. Optamos pela dissolução passando o Partido a assumir a responsabilidade direta do trabalho



# Queremos Trabalhar e Viver em Paz — Afirmam os Possesores de Formoso

**Nova ameaça de violências pesa sobre os posseiros — “Queremos comprar as terras do Estado, com o produto de nosso trabalho” — A garantia está no título de posse e não na polícia — E' preciso intensificar o movimento de solidariedade aos posseiros de Formoso e Trombas**

Volta a intranquilidade a reinar entre os posseiros de Formoso e Trombas (Goiás). Chegou a época das colheitas, que devia trazer a todos a justa paga pelo seu trabalho. Os posseiros da região produzirão este ano cerca de 200 mil sacos de arroz e, em torno disso, os grileiros tentam mais uma vez apertar o cerco.

O governador do Estado de Goiás, Sr. José Ludovico, comprometeu-se diretamente com os posseiros, no ano passado — ocasião em que se travaram choques armados entre os jagunços a serviço dos grileiros e os posseiros — a resolver pacificamente todas as questões, sem empregar a força. Em 1956, estiveram na região o diretor da Divisão de Terras, o Procurador da Justiça do Estado e o agrimensor do Estado, que entregaram aos posseiros um documento escrito, no qual conciliavam os posseiros a voltar a seu trabalho e suas casas, certos de que nenhuma violência seria cometida pelas autoridades. Afirmava o documento que o governo do Estado, se encontra desenvolvendo todas as medidas necessárias legais, no sentido de que sejam respeitadas as posses e os haveres dos posseiros, contra quaisquer atos de usurpação ou grilos, falsidade ou dolo de quem quer que seja.

Foi, então, uma importante vitória alcançada pelos posseiros.

## CARAVANA POLICIAL SEGUE PARA FORMOSO

Com a desculpa de que os soldados iriam para o Formoso a fim de garantir a colheita, foi enviada para aquela região, em meados de março deste ano, uma caravana policial muito bem armada: fuzis, metralhadoras, aparelhos rádio-transmissores, entre outras coisas.

A denúncia, feita pelo periódico «Frente Popular», de Anápolis, levantou indignados protestos. Foi criada, na capital do Estado, uma Comissão de Apoio aos Lavradores de Formoso, que conta com um departamento jurídico e outro de imprensa, com a finalidade de defender em juízo as terras dos posseiros e de manter a opinião pública informada sobre os acontecimentos. Essa comissão foi constituída em reunião realizada na Câmara Municipal de Goiânia, cabendo a presidência ao deputado Francisco de Brito. De sua diretoria participam o presidente da Câmara, diversas personalidades, líderes sindicais e populares.

Assim que tomou conhecimento da ameaça a Comissão apressou-se em ouvir o governador do Estado, que garantiu ter a polícia missão pacífica em Formoso: a de evitar conflitos entre posseiros e grileiros. Nenhuma ordem foi dada contra os posseiros, podendo estes continuar seu trabalho nas roças e nas cidades. Os soldados, assegurou o governador, não incursionarão pelas roças a serviço de particulares ou de interesses exclusivos.

No entanto, de promessas, os posseiros já estão cheios e é natural a sua apreensão diante da ida do forte contingente policial.

## NAO QUEREMOS TERRAS DE GRAÇA

Há mais de um ano arrasta-se, sem solução, a questão dos posseiros de Formoso e Trombas. Depois da assinatura do documento acima mencionado, em 1956, esteve na região o agrimensor, que procedeu ao levantamento das posses, fez fichas dos posseiros — da parte levantada, estes tudo fizeram para ajudar o trabalho dos agrimensores, concordando inclusive em reconhecer uma área que foi sesmaria de Eusébio Martins, onde não existe posseiro algum, e que está sendo respeitada.

Mas até agora, não voltaram os agrimensores, para cortar as posses, como tinham prometido.

Em Goiânia, o Congresso dos Lavradores, do qual participou um representante do governo, deputados estaduais e outras autoridades, também foi prometida uma solução pacífica para o caso de Formoso. Uma comissão de posseiros dirigiu-se ao governador, pedindo garantias de paz e dele ouviu, mais uma vez, a promessa de que solucionaria pacificamente a questão. Curiosa «pacificação»: dezenas de soldados, armados de fuzis e metralhadoras!

Em carta dirigida ao deputado Alfredo Nasser, diretor do «Jornal de Notícias», de Goiânia, dizem os posseiros:

«Nós não invadimos terras de ninguém». «Não queremos terras de graça. Queremos comprá-las do Estado. Achamos que o governo deve vendê-las a nós, que nelas trabalhamos e produzimos e não a parasitas que não trabalham». E mais adiante: «Para provar o nosso interesse em comprar as terras, estamos dispostos a entrar com parte do pagamento nesta safra. Nas nossas casas e nas nossas propriedades temos parte das nossas vidas, não podemos perdê-las».

## «O QUE NOS GARANTE E' O TITULO DE POSSE E NAO A POLICIA»

A presença da polícia em Formoso, em plena época de colheita, os boatos que estão sendo espalhados na região por grileiros conhecidos e, principalmente, a lembrança das violências e das torturas cometidas contra os posseiros no ano passado, inclusive assassinatos, são motivo de justo temor por parte dos lavradores.

Esse clima de intranquilidade deve acabar. A posse da terra deve ser assegurada aos posseiros que nela trabalham. E' preciso acabar, de uma vez por todas com a ameaça, que a cada ano se renova, por ocasião da colheita.

«Ainda confiamos no Sr. governador — dizem os posseiros — confiamos no poder judiciário e nas demais autoridades, para ele apelamos, para que pensem um pouco em nossa situação. Estamos dispostos a tudo pa-

ra evitar choques, para evitar uma crise. Estamos de pleno acordo em cooperar com o governo, tudo fazendo para que a verdade prevaleça».

E acrescentam os posseiros, na carta referida acima: «Pedimos ao Sr. governador que mande para aqui uma comissão de homens criteriosos, para olhar, andar e sondar se tais denúncias têm fundo de verdade. Todas essas denúncias são mentiras deslavadas de grileiros sem critério. Depois de apurada a verdade, que a Justiça de Goiás dê a esses causadores da intranquilidade pública, o castigo merecido. O que queremos é nada mais que justiça».

Essa é a posição dos posseiros. Ao pedido de justiça, responde o governador com o envio de tropas fortemente armadas.

E' preciso que se erga, em todo o país, um intenso movimento de solidariedade aos posseiros de Formoso, para impedir que se repitam as violências do ano passado.

## FESTEJARAO OS LAVRADORES O 1º DE MAIO

A Associação dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas de Santa Rita, município de Itapeturu (Maranhão), prepara-se para festejar, com grande entusiasmo, a data internacional dos trabalhadores — 1.º de maio. Em reunião realizada em fins de março, aquela organização procedeu à eleição de vários dirigentes, para os quadros da diretoria e Conselho Fiscal bem como de seus respectivos suplentes. A data de 1.º de maio, então, foi escolhida para a festa de posse dos eleitos. Foi aprovado um amplo programa de festividades, das quais deverão participar as autoridades locais e líderes sindicais da capital do Estado.

## SURGEM NOVAS ASSOCIAÇÕES CAMPONESAS CRIADA A ASSOCIAÇÃO DOS LAVRADORES DE TRINDADE

No dia 24 de fevereiro, realizava-se na vila de Trindade, município de Inhangaíba (Pará), a assembléia de criação da Associação dos Lavradores de Trindade.

Apesar das ameaças do prefeito de Inhangaíba, Sr. João Bitencourt, aprovadas pelo presidente da Câmara Municipal, Sr. Oscar Magalhães; das tentativas de intimidação dos lavradores, mediante uso de forças embalsadas para prender todos os que comparecessem à assembléia, isso não impediu que a reunião se realizasse e que fosse fundada a organização dos lavradores. Dela participaram diretores da ULTAP (União de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Pará), e um representante do PSB.

Na assembléia, foi mostrada aos lavradores presentes a importância de se unirem e organizarem para a luta por seus direitos. A significação da reforma agrária foi explicada, fazendo-se a leitura do manifesto da Comissão Paraense pela Reforma Agrária. Foram lidos e aprovados os Estatutos da ULTAP e a seguir, eleita a diretoria da Associação dos Lavradores de Trindade, cujo mandato terá a duração de um ano.

Quando suas atividades, a nova organização lutará em defesa das terras dos lavradores de Trindade, vendidas recentemente ao INIC, pelo Sr. Oscar Magalhães, pela importância de Cr\$ 5.800.000,00. Todos os lavradores pagaram seus fechos territoriais ao procurador da Arquidiocese por muitos anos. Agora, aquele senhor vendeu as terras, como suas. Decidiu a Assembléia que uma comissão de lavradores se dirigisse ao Arcebispo de Belém, protestando contra tal venda e defendendo os direitos dos lavradores.

# CONTRA O PLANTIO DE CAPIM NAS LAVOURAS

(Do correspondente)

Mais de duas centenas de famílias de arrendatários da Fazenda do Bacuri, situada no distrito de Pimenta Bueno (S. Paulo), de propriedade do Frigorífico Anglo, movimentam-se contra o plantio de capim nas lavouras.

A empresa imperialista exige, que os arrendatários plantem capim em suas roças, logo

## GREVE VITORIOSA

Os colonos de café da fazenda Santo Inácio, localizada no município de Lins (S. Paulo), realizaram no início do mês de março uma greve de 3 horas, contra o preço de Cr\$ 500,00 pela carpa de mil pés de café. Pleiteavam os colonos um aumento nesse preço. Com a greve, obtiveram um aumento de Cr\$ 150,00.

Eis aí mais uma prova de que, através da luta, unidos e organizados, os trabalhadores do campo podem melhorar suas condições de vida.

## Empresa imperialista burla as leis brasileiras

### — O frigorífico Anglo arrassa a lavoura de centenas de arrendatários

após terminadas as colheitas. Isso prejudica não só os interesses do comércio local e de todo o município, mas obriga centenas de famílias a se retirarem de seu trabalho produtivo, a fim de dar maiores lucros aquele monopólio da carne.

Com a prorrogação por mais um ano da atual lei do inquilinato, na qual se incluem os contratos de arrendamento (art. 8.º da lei 3.065, de 29.12.46), aquela exigência do Frigorífico torna-se ilegal.

Assim, muitos arrendatários que já se tinham submetido à imposição do Frigorífico, plantando capim, tão logo tomaram conhecimento da prorrogação de seus contratos, passaram a arrancar todo o capim plantado dispostos a não sair da

fazenda nem a permitir que o monopólio semeasse capim em suas roças.

Além disso, os arrendatários enviaram um memorial ao vice-presidente da República, para que, junto aos Ministérios do Trabalho e da Agricultura, determine providências no sentido de as autoridades de São José do Rio Preto impedirem que um truste estrangeiro passe por cima de leis de nosso país.

## FAZENDA SAO FRANCISCO

A Fazenda São Francisco, de Propriedade do Frigorífico Anglo, possui cerca de 1.000 alqueires de terras fertilíssimas. Ali trabalham cerca de 200 famílias de arrendatários, que cultivam 300 alqueires de terras. As terras prestam-se para cultivo de toda espécie de

cereais e legumes, dispoendo de água suficiente até para irrigação. São plantações recentes, feitas de dois anos para cá.

Agora, a empresa imperialista invadiu a lavoura dos arrendatários. Está plantando capim colômbio em mudas, desrespeitando a nova lei do inquilinato, que prorroga os contratos de arrendamento.

De acordo com o contrato, os arrendatários fizeram a roçada e a derrubada do mato sem receber qualquer pagamento, tendo ainda o Frigorífico aproveitado a lenha. No entanto, o monopólio inglês insiste em desrespeitar as leis brasileiras. Tudo faz para expulsar da terra as famílias que daí tiram o seu sustento, ameaçando-as inclusive com violências físicas.

Mas os lavradores não se deixam intimidar. Estão começando a arrancar o capim já plantado e pedindo a solidariedade dos sindicatos operários para a defesa de suas lavouras.

## O Sentimento Unitário da

(Conclusão da 3ª página)

retiramento nas indústrias de calçados, metalúrgicas e outras; a investida patronal contra os mais elementares direitos operários, como fôra a resistência ao pagamento do salário-mínimo; o aumento vertiginoso do custo de vida; e não cumprimento das promessas do candidato eleito e empossado na Presidência da República; uma série de leis que beneficiam os trabalhadores urbanos e rurais, mas que há anos permanecem engavetadas no Parlamento; os atentados diários à nossa independência e progresso e a nossa soberania, etc., que levou-se a sentir a necessidade de uma convenção sindical, de um debate unitário, amplo, reivindicatório e objetivo, a fim de as entidades sindicais programarem em comum a sua ação presente e futura em defesa dos direitos e dos interesses dos trabalhadores.

O tomário da Convenção Sindical é vivo, atuante, proveniente de problemas largamente expostos ao governo, em 1.º de Maio de 1956 e em 31 de Janeiro deste ano. Iremos, pois, para a Convenção, ratificar e dar maior expressão ao que pública e oficialmente vimos expondo às autoridades da Nação e ao povo carioca.

Pela sua objetividade, pela sua clareza e discernimento e «Decálogo do Trabalhador»

com as novas contribuições e melhorias que receberá na Convenção Sindical, será o programa de ação imediata dos trabalhadores do Distrito Federal.

A Convenção observa por parte de todos os seus organizadores um espírito realista, objetivo, tendo em vista uma ação prática frente aos problemas reivindicatórios dos trabalhadores. Há preocupação em apresentar soluções viáveis, condizentes e capazes de tirar o país do atoleiro em que se afunda.

Outra particularidade dos componentes da Convenção é o espírito unitário e independente com que procuram traçar todos os seus trabalhos, todas as suas ações não se para a Convenção, como para as comemorações de 1.º de Maio. Nada de predominio desta ou daquela autoridade, desta ou daquela corrente política partidária. O movimento sindical está maduro para traçar os seus próprios rumos e, daí, a importância desta Convenção no momento preciso em que os trabalhadores lutam destemidamente em defesa de suas mais sentidas e prementes reivindicações, no momento preciso em que se colocam ao lado de todas as forças democráticas e patrióticas em defesa do bem-estar, do progresso, da independência e soberania do nosso povo.



# A Greve dos Portuários de Manaus



No dia 30 de março passado, lançavam-se à greve por aumento de salários os portuários de Manaus, empregados de uma empresa imperialista britânica, concessionária dos serviços naquele porto. Tinham sido esgotados todos os recursos, por parte dos trabalhadores, para fazer cumprir o acordo firmado e homologado pelo Ministério do Trabalho, em dezembro do ano passado e publicado a 4 de janeiro de 1957.

Desde agosto de 1956, vinham lutando os portuários por melhor salário e por uma classificação correta no quadro de empregados da *Manaos Harbour Limited*. O novo salário-mínimo (1º de maio de 1956) pouca vantagem trouxera aos portuários, pois a maioria ganhava o salário diário de Cr\$ 86,40. Em agosto, os trabalhadores pleitearam da empresa uma escala percentual de aumento sobre a diária de Cr\$ 96,70 e demais salários. A empresa fez então a contraproposta de um aumento geral "per capita" de Cr\$ 54,80 para os diaristas e de Cr\$ 1.640,00 para os mensalistas, tomando por base os salários de 31-7-56. O acordo foi firmado, incluindo aumento da merenda noturna, de Cr\$ 25,00

pela empresa, de elaborar o quadro de seu pessoal empregado.

O aumento do salário dos portuários seria acompanhado do aumento dos fretes portuários, a ser requerido pela concessionária. Mas a empresa, querendo fugir ao compromisso com os trabalhadores, não encaminhou o acordo dentro do prazo estabelecido. Em assembleia de seu sindicato, diante das delongas da empresa imperialista, decidiram os portuários deflagrar a greve, à zero horas do dia 30 de março.

Intensa mobilização foi feita entre os trabalhadores, sendo total a paralisação. A fim de evitar a atuação de possíveis "fugas-greves", organizou o Sindicato turmas de piquetes, que funcionaram regularmente.

## OS PORTUARIOS REPELEM AMEAÇA DA EMPRESA IMPERIALISTA

No dia 6 de abril, a *Manaos Harbour Limited* fez publicar nos jornais um edital de chamamento dos portuários, onde declarava que, diante da recusa dos trabalhadores em aceitar os mil cruzeiros propostos por ela, até o julgamento do dissídio, resolve, apoiada no decreto-lei nº 9.070, dar o prazo de 48 horas para que os portuários grevistas retomassem ao trabalho. Em caso de recusa, dizia o edital, a empresa rescindiria o contrato dos que não tivessem estabilidade e própria a rescisão daqueles que já possuem essa estabilidade.

O edital estava assinado pelo Superintendente, Mr. John Rhys Taylor.

Apesar da ameaça, os portuários não se intimidaram. Reunidos em assembleia, na tarde do mesmo dia em que era publicado o edital da empresa imperialista,

aprovaram uma nota, a ser distribuída à imprensa, em que diziam:

1 — A greve, além de justa e legal e está amparada pelo decreto 9.070 e pelo art. 158 da Constituição.

2 — A responsabilidade pela deflagração da greve cabe exclusivamente à *Manaos Harbour*, que se recusou a cumprir o acordo homologado em dezembro de 1956.

3 — A ameaça de demissão feita pela empresa, só objetiva efeitos psicológicos de desistência, mas ninguém voltará ao trabalho enquanto não for cumprido o acordo de aumento salarial, de aumento da merenda noturna, de organização do quadro pessoal empregado, além de firmado por escrito o compromisso de pagar os dias de greve e desistir de quaisquer penalidades tendo a greve como motivo.

4 — Não é verdade que a empresa tivesse feito a proposta de mil cruzeiros de aumento. Trata-se de uma proposta verbal do Ministério da Viação através do delegado do Ministério do Trabalho, que foi repudiada porque não se revestia das características legais e era uma tentativa ardilosa de infligir uma derrota aos portuários. Por outro lado, não seriam de acreditar que a empresa teria pago os mil cruzeiros, se os trabalhadores tivessem voltado ao trabalho, porque ela afirmara por escrito, na delegacia do Ministério do Trabalho, que não dispunha de dinheiro excedente ou a arrecadar, para fazer proposta.

"Por tudo isso — conclui a nota do Sindicato — os portuários continuarão em greve e só voltarão ao serviço quando tiverem sólidas garantias de que a *Manaos Harbour* atenderá às suas presentes reivindicações".

## A FEDERAÇÃO DO COMÉRCIO APELA PARA O PRESIDENTE

A greve, que já se prolonga há mais de uma semana, causa sérios prejuízos à população amazense e ao comércio local. Os estoques de mercadorias estão se esgotando, sem que sejam repostos pelos que se encontram nos armazéns do cais. Chegaram nos últimos dias 151 mil volumes, na maior parte de gêneros alimentícios — mas já se estão deteriorando. Os navios estão pa-

rados no porto, sem que se faça a descarga, sofrendo prejuízos incalculáveis. Um navio foi obrigado a deixar o porto, sem carregar produtos de exportação, num total de 13 milhões de cruzeiros. O povo já sente a escassez de alimentos e o comércio está inativo, sem poder saldar seus compromissos financeiros.

Diante dessa situação, a Federação do Comércio do Estado do Amazonas dirigiu-se ao presidente da República, para que intercesse pessoalmente no caso, a fim de apressar a solução da greve.

Já anteriormente, a Associação Comercial manifestara-se favorável à concessão do aumento de

salários para os portuários, uma vez que a *Manaos Harbour* já obtivera um aumento de 72% nas tarifas portuárias, apesar da deficiência dos serviços que presta.

## MAGNIFICO EXEMPLO DE UNIDADE

A greve dos portuários de Manaus serve de exemplo magnífico para os demais trabalhadores de todo o país, que lutam em defesa de seus direitos. É particularmente importante para a grande corporação de marítimos, na iminência de deflagração de sua greve por equiparação salarial.

Em manifesto assinado pelo presidente do Sindicato dos Serviços Portuários de Manaus, sr. Manoel Amâncio de Oliveira, dizem os trabalhadores:

"A nossa greve, justa, legal, unida e firme, é um exemplo para os demais trabalhadores do Amazonas e constitui uma séria advertência àqueles patrões que, possuidores de mentalidade retrógrada e só preocupados com os seus interesses, tripudiam sobre os direitos trabalhistas e menosprezam as reivindicações de seus empregados. Os operários de nosso Estado, já adquirindo fé em suas próprias forças e contando com amigos dedicados e influentes, além da melhoria de sua consciência do papel que desempenham na produção da riqueza e do conforto sociais — merecem ser olhados com mais respeito e não como burros de carga".

## PREPARAM-SE PARA A GREVE OS MARÍTIMOS

Empenham-se os cem mil marítimos brasileiros numa ampla campanha pela equiparação de salários dos empregados das empresas de capital privado e misto aos seus companheiros autárquicos. Nessa luta, que se vem arastando há mais de um ano, estão dispostos os trabalhadores do mar a ir até à greve, em defesa de seus direitos.

Os marítimos sempre receberam, de acordo com sua categoria profissional, o mesmo salário, independentemente da natureza da empresa — particular, mista ou autárquica. Além disso, a equiparação salarial é simples decorrência da Lei de Escalonamento para a Marinha Mercante e das atuais tarifas de fretes.

## CUMPRIR O ACÓRDO DE MARÇO DE 1956

Em março de 1956 era firmado um acordo, complementado por um termo aditivo, em setembro desse mesmo ano, no Estado-Maior da Armada. Nêle ficava assegurado aos marítimos que 25% sobre a elevação dos fretes e demais receitas auferidas pelos armadores, seriam destinados integralmente ao aumento salarial dos marítimos, desde março de 1956.

Mas até hoje, esse dinheiro não foi pago aos trabalhadores. A alegação dos armadores de que não foi suficiente a majoração dos fretes, é falsa. A Comissão Pericial nomeada pelo Presidente da República, fez levantamentos que provam claramente que o aumento decorrente da elevação do preço do frete, afóra outras receitas, à base de 25% destinados aos marítimos, já muito além da equiparação salarial pleiteada.

Trata-se, portanto, de cumprir o acordo de março de 1956.

## PAGAMENTO ATÉ 23 DE ABRIL — OU GREVE

A 23 de março terminou o prazo do Acordo Salarial e Termo Aditivo. Os marítimos concederam às autoridades governamentais e aos armadores, mais 30 dias para solucionar o caso.

Esse novo prazo, que é o último, terminará a 24 de abril. O não atendimento das reivindicações dos trabalhadores do mar determinará a eclosão da greve, a zero horas do dia 23 de abril.

Até o momento, a greve já foi homologada pela maioria dos Sindicatos filiados à Federação dos Marítimos, além dos sindicatos dos condutores, maquinistas, motoristas e foguistas da Marinha

Há mais de um ano esperam o cumprimento do acordo — Equiparação salarial das empresas privadas e mistas às autarquias — Pagamento até 23 de abril ou greve

Mercante. A preparação é intensa em todos os locais de trabalho: a orientação da greve é transmitida aos milhares de trabalhadores do mar, aos quais se abre novamente a perspectiva de uma luta tão ampla como a de 1953, em defesa de seus direitos.

## A UNIDADE DE TODA A CLASSE — FATOR DECISIVO

O êxito do movimento nacional dos marítimos — e da greve, se esta tiver que ser deflagrada, será a unidade estreita de todos os trabalhadores e de seus sindicatos, em torno da Federação.

Através de suas assembleias, os sindicatos das várias corporações estão orientando seus associados sobre como proceder, em caso de greve.

Mas é preciso que todos os sindicatos façam o mesmo. A convocação de assembleias amplas, pelas diretorias sindicais, com a participação de grande número de trabalhadores, contribuirá decisivamente para fazer chegar mais rapidamente a todos os marítimos a orientação geral da Federação e as diretivas para a deflagração do movimento.

Está na unidade a garantia da vitória. Unidos em suas organizações de classe, mantendo uma posição firme, os marítimos conseguirão conquistar suas reivindicações.

## FUNDO DE GREVE

Medida importante que já vem sendo tomada por cada sindicato é a constituição de seu fundo de greve, para fazer face às despesas com a campanha pela equiparação e pela greve.

Em sua luta, contam os trabalhadores do mar com a solidariedade não só das demais corporações profissionais, mas de toda a população. Num manifesto dirigido aos marítimos, às autoridades e ao povo, as organizações sindicais expuseram as razões de sua luta e defendem a justiça da causa em que estão empenhados: 35 sindicatos assinam o manifesto: do Amazonas ao Rio Grande do Sul.

E sem dúvida, não faltará aos marítimos, mais uma vez, a ajuda financeira e a solidariedade de todo o povo. A IMPORTANCIA DA ORGANIZAÇÃO

O êxito da greve dependerá também, em grande medida, do trabalho de organização, na fase preparatória que a precede. Para isso, os presidentes dos sindicatos realizam frequentes visitas aos navios — esclarecem os trabalhadores sobre como se devem comportar, em caso de greve.

Se for deflagrada a greve, os marinheiros não abandonarão seus navios — ali se conservarão, em seus postos, para evitar possíveis depredações, de elementos policiais ou a serviço dos patrões. Grupos de trabalhadores, em rodízio, farão esse serviço: enquanto um grupo guarda o navio, outro participará dos trabalhos, na sede da Federação.

Somente em caso de ocupação do navio, pela Marinha, abandonarão os marinheiros os seus postos de trabalho.

Essa será mais uma demonstração do elevado senso de responsabilidade de nossos trabalhadores, que compreendem perfeitamente bem como lhes cabe proceder na luta em defesa de seus direitos.

## UNIDOS ATÉ A VITÓRIA FINAL

Aproxima-se o dia 23 de abril, dia decisivo para os 100.000 marítimos e suas famílias. São centenas de milhares de pessoas que, pacificamente, recorrendo a todos os meios legais de luta a seu alcance, pleiteiam melhores condições de vida e o cumprimento de um acordo firmado há mais de um ano.

Em seu manifesto, publicado no dia 21 de março do corrente ano, assim concluem os dirigentes sindicais:

«Não obstante, ainda acreditamos no cumprimento pelas Autoridades e Armadores dos compromissos que conosco assumiram. Assim, os dirigentes dos Sindicatos Profissionais da Marinha Mercante do Brasil, conscientes dos seus deveres, que são a defesa intransigente dos interesses da coletividade marítima, esperam que os trabalhadores do mar, mais uma vez, unidos em torno daqueles que escolheram para seus dirigentes, obedeçam na hora precisa a palavra-de-ordem que lhes será transmitida, garantindo-se assim a unidade da classe, nunca desmentida.»

VIVA A UNIDADE MARÍTIMA!  
VIVA OS CEM MIL MARÍTIMOS!

## VOZ OPERÁRIA

Director-Responsável

Mário Alves

MATRIZ: Av. Rio Branco, 257, 17º and., s/ 1.712 - Tel. 42-7344

### ASSINATURAS:

Anual ..... 100,00  
Semestral ..... 60,00  
Trimestral ..... 30,00  
Núm. avulso ..... 2,00  
Núm. atrasado ..... 3,00

Aérea ou sob registro, despesas à parte: Preço no R. G. Sul, Sta. Catarina, Paraná, Distrito Federal, São Paulo, E. Santo e Belo Horizonte ..... 2,00

Gotás e interior de Amazonas e Territórios ..... 4,00  
Outros Estados ..... 3,00  
M. Gerais ..... 2,50

### SUCURSAIS:

SAO PAULO — Rua dos Estudantes nº 84 s/ 28, 2º and. — Tel. 37-4983.  
PORTO ALEGRE — Rua Voluntários da Pátria, nº 66, s/ 43.  
RECIFE — Rua Floriano Peixoto nº 85 — 3º and. — s/ 326.

FORTALEZA — Rua Barão do Rio Branco, nº 1.248 — s/22 — Tel. 1-13-03.

SALVADOR — Rua Barão de Cotejipe, 67 — Edifício Zacarias, s/ 203 (Calçada).

JOAO PESSOA — Rua Duque de Caxias, 558 — 1º and. — Salas 3 e 4.

## DECIDEM IR À GREVE OS TRABALHADORES EM CARRIS

Reunidos em assembleia no seu Sindicato, cerca de dois mil trabalhadores dos Carris Urbanos do D. F. decidiram ir à greve, para conquistar aumento de salários. No dia 9 de abril extinguiu-se o último prazo que haviam dado os trabalhadores à Light, para resolver em definitivo a questão salarial, tratava-se decidir, portanto, o caminho a tomar diante da intransigência da empresa imperialista, que continua a se negar a atender às reivindicações dos trabalhadores.

Diante da enorme assistência e na presença de vários deputados federais, vereadores, representantes de todos os sindicatos dos Trabalhadores do grupo Light do Rio, São Paulo e Santos, foi

aprovado a seguinte proposta:

1 — Decretar a greve e autorizar a diretoria do sindicato a deflagrá-la quando julgar conveniente;

2 — Caso seja deflagrada a greve, incluir outras reivindicações, como a volta do líder Eliseu Alves, ao serviço e arquivamento do inquérito; pagamento de meia hora para prestação de contas para os condutores; fornecimento gratuito de 3 uniformes; não punição dos grevistas e não aplicação, por parte do governo, de nenhuma sanção arbitrária, quer contra os diretores do sindicato, quer contra qualquer associado e, finalmente, garantia de 200 horas mensais para os cre-



# PARAMIRIM MUNICÍPIO RICO E ESQUECIDO

O município de Paramirim, situado na região sudeste do Estado da Bahia, é um rico município, de terras férteis, mas abandonado pelos poderes públicos. Sua população rural é de quase 30 mil habitantes, constituída em sua maioria, de pequenos e médios lavradores e meeiros.

A sede do município, com uma população urbana de cerca de 2 mil habitantes, não tem características de cidade. Assemelha-se a um povoado qualquer. Não tem cinema. A distração comum são as feiras aos sábados ou as novenas nas igrejas católicas. É precário o serviço de luz. Em janeiro deste ano, a cidade ficou às escuras, o que de resto, é muito frequente.

## A FALTA D'ÁGUA É UM FLAGELO

A população, seja da cidade ou do campo, vive com grandes dificuldades. A prefeitura local não possui nem sequer, uma balança que pese o gado de corte, sendo o gado vendido à base de cálculos e quase sempre há prejuízos ou do abatedor ou do criador. Entretanto, os abatedores pagam impostos à base de 20% e muitas vezes juntam-se dois abatedores para matar um boi, a fim de não terem prejuízo, com a bóia de carne.

Paramirim é um município puramente agrícola. O próprio comércio é mixto, raro é o comerciante que não tem uma roça. O problema mais sério é a falta d'água para irrigação. Esta é feita com o próprio esforço de grupos de lavradores que constroem pequenas barragens sobre o rio Paramirim. Os camponeses mudaram completamente o aspecto natural do rio construindo dezenas de barragens de madeira a que dão o nome de «açudes», cuja água é vendida até a 2 mil cruzeiros por hora. A água é vendida como propriedade privada, com escrituração como qualquer outro imóvel. Existem no município açudes da prefeitura e de particulares. Muitas brigas e questões, por vezes sérias, têm surgido, por causa de águas, que são mo-

A falta d'água é um flagelo — Engenheiros e fábricas de farinha primitivos — Miséria e atraso provocados pelo monopólio da terra — Abandonados pelo governo os lavradores não desanimam e lutam por melhores dias — (Report. de: ARLINDO MATEUS)

sua própria sorte, os lavradores de Paramirim.

Se Paramirim pesasse na balança eleitoral, elege-se um deputado, um senador, fosse colégio eleitoral decisivo para eleger o governador, etc., então a barragem já estaria construída.

## MEIOS DE PRODUÇÃO PRIMITIVOS

Paramirim e adjacências abastecem de cereais parte do mercado de Salvador, capital do Estado. Suas terras são ricas e férteis em humos, podendo-se fazer três plantações anuais, com boas colheitas se não faltasse irrigação. Produzimos cana de açúcar, arroz, milho, feijão, batatas, côcos, etc., sendo que

a cana é a principal produção, que em 1955 alcançou um valor de 2 milhões cento e cinco mil cruzeiros.

A rapadura, que é o principal produto da cana, está diminuindo a sua produção, devido a dificuldade de produção. Existem em todo o município cerca de 700 engenhos, quase todos de construção primitiva, isto é, de madeira sem um só prego, puxados a cavalo. Como é fácil a produção de cachaça, está diminuindo a produção de rapadura, o que vem prejudicar os camponeses que a utilizam como base da sua alimentação, junto com a carne de bode.

Existem ainda cerca de 50 fábricas, de farinha de man-

dioca, também de construção primitiva com rodas de madeira e puxadas a braço humano.

MISÉRIA E ATRASO PROVOCADOS PELO MONOPÓLIO DA TERRA

O salário pago aos trabalhadores varia de acordo com os proprietários da terra. Os latifundiários pagam 25 e 30 cruzeiros por dia; os pequenos e médios lavradores pagam até 10 cruzeiros diários. Em Paramirim não se conhece nenhuma medida agrária. As terras são medidas a olho, o seu valor varia de acordo com a facilidade natural de irrigação, distância da cidade, etc.

Os latifundiários conhecidos são Chico Brasil, chefe político da UDN local, reacionário, que há 30 anos lidera o município. Outro é o Hermenegildo Ribeiro Magalhães, conhecido por Melé, que possui umas 8 propriedades. Estes senhores monopolizam as melhores terras do município e as águas. Enquanto isso, os meeiros vivem em situação de miséria,

obrigados a darem metade tudo que produzem aos latifundiários.

OS LAVRADORES NÃO DESANIMAM — LUTAM POR MELHORES DIAS

Os lavradores de modo geral não tem nenhuma organização. Mas procuram encontrar meios para sair da difícil situação em que se encontram. Suas reivindicações são simples e modestas, portanto, fácil de ser alcançadas, se eles unirem os seus esforços através da organização. Os lavradores desejam o amparo do Fomento Agrícola, a fim de conseguirem sementes, veneno, ferramentas, entre outras. Já pleitearam tudo isso junto às autoridades locais e os enganaram com promessas. Entretanto os lavradores não desanimam. Sua luta continua porque eles estão compreendendo que na organização, na unidade e na persistência está o segredo de sua força para a conquista de melhores dias. Assim é que já agora resolveram apelar para a Câmara Federal para que seja construída a barragem do Zabumbão.

## O JORNAL «O DEMOCRATA» DE MATO GROSSO

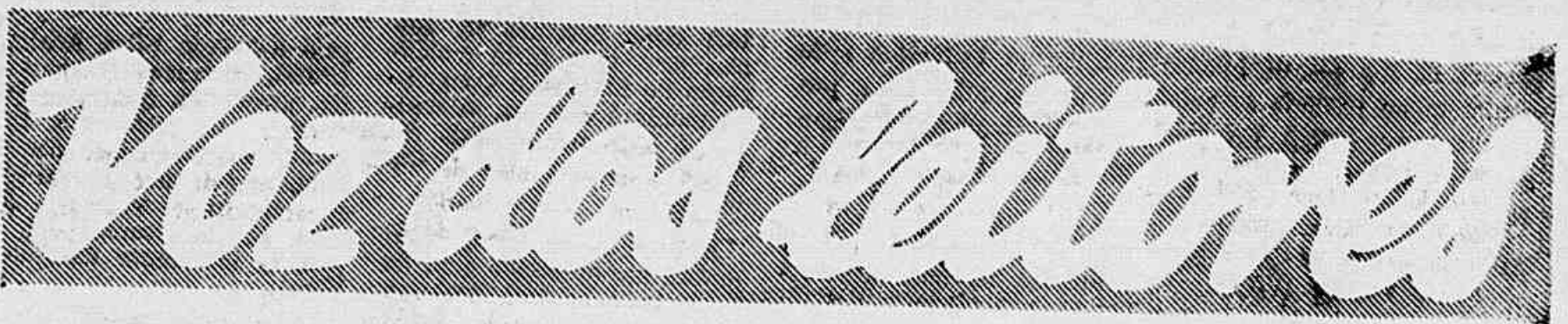
Grande número de trabalhadores e pessoas patriotas e progressistas mato-grossenses, estão empenhados no reequipamento de O DEMOCRATA, que se acha paralisado, desde 18 de novembro de 1956, por motivos técnicos e financeiros.

Em Campo Grande, organizou-se a Comissão Central que promove uma rifa e várias outras iniciativas financeiras, com essa finalidade.

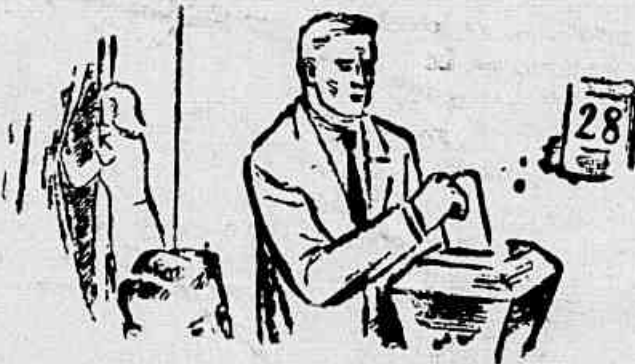
Noutras cidades, além da rifa da Comissão Central, estão sendo programadas outras formas de ajuda.

Reina no seio dos trabalhadores e do povo mato-grossenses grande ansiedade pela volta à circulação daquele combativo órgão da imprensa popular.

(Correspondente Joarez de Abreu)



## Levar em Conta a Lição de São Paulo



A eleição em São Paulo para a escolha do prefeito foi uma luta gigantesca. O

PC se atirou à luta 10 dias antes do pleito, ao lado de Prestes Maia. Diz um velho

ditado que a luta pela vida começa cedo. Mas em São Paulo começou tarde a luta para eleger Prestes Maia. Vejamos alguns exemplos: Aqui em Ribeirão Preto o PCB ajudou a eleger o prefeito, mas a campanha pró Costabile Romano começou 3 meses antes das eleições. Em Serrana o PCB em frente única com outras forças democráticas, elegeu o prefeito, mas a campanha ali começou 6 meses antes do pleito. Em São Paulo não aconteceu o mesmo, daí a impossibilidade de uma maior mobilização dos eleitores.

Em São Paulo houve cerca de 50 mil votos nulos e em branco. Estes votos são

de pessoas que precisavam ser esclarecidas pelos comunistas se sua entrada na campanha se fizesse há mais tempo. Foram 50 mil votos perdidos mas que poderiam ser ganhos para o nosso candidato, quando não todos mas pelo menos uma grande parte, o que seria bastante para vencermos Adhemar de Barros, que venceu por uma diferença de mais ou menos 30 mil votos.

Creio que nas próximas batalhas eleitorais que se aproximam o PC saberá levar em conta esta lição.

Ribeirão Preto, 1 de abril de 1957.

Nazareno Ciavatta

## ECOS DO 35º ANIVERSÁRIO DO P. C. B.

Este jornal vem recebendo, com pedidos de publicação, inúmeras mensagens de saudação ao Comitê Central do PCB, por motivo da recente passagem do 35º aniversário do Partido do proletariado e do povo brasileiro. Damos abaixo, em resumo, algumas dessas mensagens.

### FESTIVO ANIVERSÁRIO DO P. C. B.

O C.D. Mauá do PCB, comemorou festivamente o aniversário do Partido. Com a presença de dezenas de pessoas, foi realizada uma palestra sobre a vida e as lutas do PCB em defesa dos interesses dos trabalhadores e da soberania nacional. O orador, depois de se referir aos esforços desesperados dos imperialistas norte-americanos para golpear o nosso Partido, conclamou a todos os presentes a cerrar fileiras em torno do Presidium, do Comitê Central e do camarada Prestes.

Encerrada a palestra, foi servida uma mesa de doces e refrigerantes.

### EM NOVA IGUAÇU

Em Nova Iguaçu, o 35º aniversário do PCB transcorreu animado. Os amigos e militantes do Partido, em reunião festiva, realizaram palestras e conferências. Na manhã do dia 25 de março, foi realizada uma alvorada de fogos, pinturas, faixas, bandeiras, etc.

### U. J. C. DE CAMPINAS

Os jovens comunistas de Campinas, São Paulo, em sua saudação ao Comitê Central do PCB, dizem: «Nós, jovens comunistas de Campinas estamos confiantes de que o CC, tendo à frente o camarada Prestes resolveva da melhor maneira possível os problemas da U. J. C.»

«Viva o camarada Prestes, chefe provado do nosso Partido e guia glorioso da juventude brasileira! Viva a luta pela paz, pela democracia, pela libertação nacional e o socialismo! Viva a ideologia de Marx, Engels e Lênin! Viva o 35º aniversário do P. C. B.!»

### C. Z. DE CAMPINAS DO P. C. B.

Em sua saudação, dizem os comunistas de Campinas:

«Enviamos nesta data histórica uma saudação fraternal ao camarada Prestes, chefe provado do nosso Partido, assim como ao Comitê Central que tem enfrentado com firmeza nesta hora difícil da vida do Partido, as provocações do inimigo que procura a divisão em nossas fileiras.»

### C. Z. DA PENHA

A mensagem do Comitê de Zona da Penha, ao dirigir-se ao C.C. do P. C. B., diz o seguinte:

«Queridos camaradas, ao ensejo do transcurso do 35º aniversário do glorioso partido da classe operária, achamos oportuno manifestar à nossa suprema direção e a seu Presidium, o calor de nossa solidariedade e nosso inteiro apoio.»

Estamos, é evidente, pela democratização do Partido, estamos também pelo combate aos nossos velhos erros, estamos ainda pela melhora de tudo que deva ser melhorado nas relações da direção com todo o Partido, de um lado e do Partido com as massas, de outro, nunca, porém, podemos concordar com qualquer luta divisionista ou fracionista que leva sempre alento ao inimigo de classe e dificulta a marcha do socialismo no mundo inteiro.»

## BILHETE DE CABO FRIO

Razão há bastante para que o povo se agite em todos os recantos do Brasil, levantando ondas de protestos contra a entrega da Ilha de Fernando de Noronha pelo sr. JK aos carrascos de Tio Sam, para construir bases de teleguiados com o propósito de sufocar as vozes dos patriotas que são contrários à entrega de nossos minerais atômicos e jazidas de petróleo.

As populações dos estados do Norte estão expostas às maiores decepções e sacrifícios de suas próprias vidas, porque no momento preciso os gringos transformaram oitoral do Nordeste, em campo de batalha. Os responsáveis pela entrega de Fernando de Noronha esquecem que estão pondo em perigo a soberania nacional, contribuindo para arrastar ao caos e ao divisionismo dos principais Estados da Federação. O nosso povo jamais aceitará a tutela dos imperialistas de qualquer espécie que se apresentem, encapuçados em peles de carneiro ou de leão, a resposta será sempre a mesma: «Não consentiremos que se desprestigie nem se despreze o passado de nossos homens que deram o seu precioso sangue em defesa de nossa pátria. Teremos que seguir os seus exemplos porque somos herdeiros de suas tradições, continuando a luta pela independência nacional.

Brasileiros! Patriotas! Não devemos deixar, em hipótese alguma, que os advogados e os côrvos dos dólares atrem as garras no coração do Brasil.

(Patriotas de Cabo Frio).



# Vibrante Manifestação de Unidade na II Convenção dos Ferroviários

**Uma reunião permanente os ferroviários de todo Brasil — Assembleia geral 48 horas após a apreciação do veto — Convocada a III Conv. Nacional — Solidariedade dos trabalhadores aos ferroviários**

Em ambiente de grande entusiasmo e após acalorados debates, encerrou-se no dia 6 do corrente, a II CONVENÇÃO NACIONAL DOS FERROVIÁRIOS DO BRASIL, cujos trabalhos haviam sido instalados em 4 de abril, na Capital da República.

Representantes de ferroviários de 16 Estados da Federação designados por sindicatos, uniões, associações, caixas, etc., das mais importantes ferrovias do país, participaram da Convenção, para ali levando os anseios e as reivindicações de 320.000 ferroviários existentes em todo o Brasil.

Quatro pontos constavam do temário: a) Estatuto dos Ferroviários; b) Transformação da CAPFESP em Instituto de sua administração; c) aposentadoria aos 30 anos de serviço; e d) apreciação do veto parcial do Presidente da República ao projeto n. 1907 que cria a Rede Ferroviária Federal S.A. Foram questões amplamente debatidas pelos delegados e para seu estudo, criaram-se comissões especiais. Depois de um dia de intenso trabalho, as comissões apresentaram ao plenário os relatórios de sua atividade e propostas de resoluções. Por unanimidade, sob vibrantes aplausos de todos os presentes, aprovou a II Convenção as seguintes resoluções:

## POSENTADORIA AOS 30 ANOS DE SERVIÇO

Esta questão era uma das que mais preocupavam os delegados. Em contacto com a Comissão encarregada de apresentar parecer ao plenário da Convenção, diziam-nos os seus membros que os ferroviários de todo o Brasil estão firmemente empenhados em obter a aprovação do projeto de lei que lhes concede aposentadoria após 30 anos de serviço. Aliás, isso não constitui inovação. Várias estradas de ferro (a Mogiana, por exemplo), já concedem aos seus empregados, aposentados após 30 anos, a complementação de ordenado.

Assim, a aprovação do projeto virá apenas transformar em direito uma situação já existente de fato, estendendo aquele tratamento a todos os ferroviários, liquidando com os privilégios.

Ninguém desconhece como é rude o serviço nas ferrovias que exige da maioria

dos ferroviários um trabalho penoso, arriscando, sob as intempéries, na boca das malhas, nas oficinas — muitas vezes desprovidas dos aparelhamentos necessários — provocando um desgaste físico de tal natureza que dificilmente o ferroviário consegue atingir 35 anos de serviço.

Não há paralelo — diziam-nos os membros da Comissão — entre o serviço executado nas estradas de ferro e aquele de outras categorias, com horário certo, ao abrigo e com relativo conforto.

É necessário redobrar os esforços dos ferroviários na luta pela concessão da aposentadoria aos 30 anos de serviço. Por isso, a Comissão propôs que seja intensificado o trabalho junto ao Parlamento, para o rápido andamento do projeto. Sugeriu ainda a mais ampla divulgação do referido projeto, bem como dos benefícios que ele deverá trazer aos ferroviários e suas famílias — utilizando a imprensa falada e escrita, nas capitais dos Estados e em cada cidade do interior.

## O VETO DE JK — QUESTÃO FUNDAMENTAL

O assunto que prendeu mais a atenção de todos os convencionais foi o veto do Sr. Juscelino Kubitschek a uma parte do projeto 1.907.

justamente aquela parte que assegurava algumas conquistas sociais e importantes reivindicações dos ferroviários. Por isso, tornou-se a questão fundamental da II Convenção.

No dia do encerramento da Convenção, quando as comissões já ultimavam seus trabalhos para apresentar ao plenário as propostas de resolução, era grande a agitação na sede da União dos Ferroviários do Brasil. O estado de apreensão aumentou com a notícia de que o Congresso Nacional iria examinar o veto no dia 10 de abril e não 7 de maio, como determina o Regimento. Ouviram-se expressões como estas: «Não devemos ter ilusão, sem uma forte mobilização de massas, o Congresso manterá o veto». «Derrubar o veto não é fácil. Só é fácil derrubar veto de Caillias».

Sabe-se agora que o veto deverá ser apreciado a 22 do corrente e os trabalhadores prepararam-se para derrubá-lo.

## REJEIÇÃO DO VETO — OU GREVE

Sob aplausos estrondosos, iniciou-se a solenidade de encerramento da II Convenção Nacional dos Ferroviários, para a aprovação de suas resoluções. Tomaram assento na mesa todos os chefes de delegações dos 16 Estados, representantes dos marítimos, marceneiros, trabalhadores da Light, os deputados Benjamin Farah, Elias Adaimé, Filadelfo Garcia e Celso Peganha, além do representante do Chefe de Polícia. Dirigiu os trabalhos o Sr. José Soares da Silva Filho, presidente da União dos Ferroviários do Brasil.

O assunto dominante nos discursos dos oradores, foi, mais uma vez, a condenação ao veto parcial do governo ao projeto que transformou as ferrovias do Estado em sociedades anônimas. O veto do governo põe por terra o direito à estabilidade, para os ferroviários, nega-lhes o abono família além de suprimir outros direitos já conquistados.

Alguns dos oradores procuraram, em seus discursos, amenizar a posição do governo, dizendo que o Sr. Juscelino Kubitschek havia sido mal assessorado na questão das ferrovias. Mas foi o pró-



AS RESOLUÇÕES

prio deputado Elias Adaimé (PTB), pertencente à bancada governista, quem se encarregou de mostrar a falsidade dos que assim pensavam, ao afirmar: «Quem andou errado no veto não foram os assessores, foi o próprio presidente da República».

Outro orador, representante dos ferroviários da Central, mostrou que o veto do governo tem o objetivo de espoliar os direitos dos ferroviários e que por mais que se fale, só uma coisa pode convencer aos que se colocam contra os trabalhadores: a greve. Ensurdecadores aplausos acompanharam as palavras do ferroviário.

Muito aplaudido também foi o representante dos marítimos, que discorreu sobre a luta que vem mantendo a sua corporação, contra a transformação do Lóide Nacional em Sociedade Anônima. A certa altura do seu discurso, disse o orador que por trás desse furor de transformação das empresas estatais em sociedades anônimas, estão os interesses escusos do capital estrangeiro. Finalizando, disse o representante dos marítimos que os trabalhadores, para fazer face às ameaças aos seus direitos, dispõem da arma da greve, que lhes é assegurada pela Constituição.

Dirigindo-se aos convencionais, o deputado Benjamin Farah (PSD), aconselhou aos ferroviários a que se unissem em torno da União dos Ferroviários do Brasil e do seu Presidente. Podiam os trabalhadores contar com todo o seu apoio, em qualquer circunstância, afirmou aquele parlamentar.

**Finalmente, aprovou a Convenção, por unanimidade, as resoluções reeferentes ao veto do governo:**

1.º — Apelar veementemente para os Exmos. Srs. Deputados e Senadores no sentido de que seja feita integral justiça aos ferroviários, mediante a rejeição do veto oposto ao projeto n.º 1.907/52, nos pontos acima considerados (letras «c» e «e» do par. 2.º do art. 1.º e parte final do art. 16 e seu par. único e art. 17 e seu par. único).

2.º — Que seja enviado a cada um dos Exmos. Srs. Deputados e Senadores uma exposição sucinta, contestando as razões apresentadas pelo Exmo. Sr. Presidente da República, para opor o veto ao projeto em causa.

3.º — Não tomar nenhuma iniciativa quanto à deflagração de greve — sem a decisão final do Congresso Nacional relativamente ao veto, numa merecida homenagem ao egrégio Poder Legislativo.

4.º — Que cada entidade de classe convoque, até 48 horas após a apreciação do veto pelo Congresso, a assembleia geral da classe, para debater o assunto e traçar as diretrizes.

5.º — Aprovar a convocação pelas entidades sul-riograndenses, da III Convenção dos Ferroviários do Brasil, a ser realizada em Santa Maria, no Estado do Rio Grande do Sul, em data previamente marcada por essas entidades, após a apreciação do veto ao referido projeto, onde serão traçadas diretrizes nacionais para a defesa dos altos e legítimos interesses da classe.

6.º — Todas as entidades deverão manter no Distrito Federal um seu representante em reunião permanente na sede da UFB, até a apreciação pelo Congresso Nacional do veto oposto ao projeto n.º 1.907/52, que cria a RFFSA.

## ESPIRITO UNITÁRIO, TRAÇO DOMINANTE DA CONVENÇÃO

O traço dominante de toda a Convenção foi o seu espírito unitário. Na luta pela derrubada do veto presidencial, os ferroviários agem como uma só pessoa. Ferroviários do Pará ao Rio Grande do Sul estão dispostos a ir até a greve, se necessário, para assegurar os seus direitos. Mesmo ferrovias que não serão atingidas pelo veto do presidente, como algumas do Estado de São Paulo, colocaram-se incondicionalmente ao lado dos seus companheiros de todo o Brasil, fazendo das suas as resoluções da II Convenção e aquelas que venham a ser tomadas no combate ao veto do governo.

Está fora de dúvida que é nessa unidade monolítica que está a grande e invencível força dos ferroviários. Além disso, a luta dos ferroviários conta com o apoio de todos os trabalhadores e do povo brasileiro, como ficou comprovado com o grande número de mensagens, cartas e telegramas de congratulações e de solidariedade, recebidos pela II Convenção.

